



Reformador

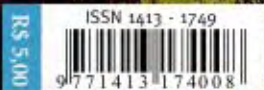
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEUS, CRISTO E CARIDADE

Ano 125 • Nº 2.137 • Abril 2007

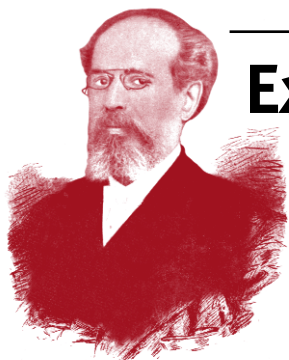
Espiritismo

150 Anos de **Luz e Paz!**



R\$ 5,00

EDIÇÃO COMEMORATIVA



Expediente

Fundada em 21 de janeiro de 1883

Fundador: **Augusto Elias da Silva**

Reformador

Revista de Espiritismo Cristão

Ano 125 / Abril, 2007 / N° 2.137

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Diretor: NESTOR JOÃO MASOTTI

Diretor-substituto e Editor: ALTIVO FERREIRA

Redatores: AFFONSO BORGES GALLEGOS SOARES, ANTONIO

CESAR PERRI DE CARVALHO, EVANDRO

NOLETO BEZERRA E LAURO DE OLIVEIRA SÃO THIAGO

Secretário: PAULO DE TARSO DOS REIS LYRA

Gerente: ILCIO BIANCHI

Gerente de Produção: GILBERTO ANDRADE

Equipe de Diagramação: SARAI AYRES TORRES, AGADYR

TORRES E CLAUDIO CARVALHO

Equipe de Revisão: MÔNICA DOS SANTOS E WAGNA

CARVALHO

REFORMADOR: Registro de publicação

n° 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polí-

cia Federal do Ministério da Justiça),

CNPJ 33.644.857/0002-84 • I. E. 81.600.503

Direção e Redação:

Av. L-2 Norte • Q. 603 • Conj. F (SGAN)

70830-030 • Brasília (DF)

Tel.: (61) 2101-6150

FAX: (61) 3322-0523

Departamento Editorial e Gráfico:

Rua Souza Valente, 17 • 20941-040

Rio de Janeiro (RJ) • Brasil

Tel.: (21) 2187-8282 • FAX: (21) 2187-8298

E-mail: redacao.reformador@febrasil.org.br

Home page: <http://www.febnet.org.br>

E-mail: feb@febrasil.org.br e

webmaster@febnet.org.br

PARA O BRASIL

Assinatura anual **R\$ 39,00**

Número avulso **R\$ 5,00**

PARA O EXTERIOR

Assinatura anual **US\$ 35,00**

Assinatura de Reformador:

Tel.: (21) 2187-8264 • 2187-8274

E-mail:

assinaturas.reformador@febrasil.org.br

Projeto gráfico da revista: JULIO MOREIRA

Capa: AGADYR TORRES E LUIS HU RIVAS

Sumário

4 Editorial

A chegada do Consolador

11 Entrevista: Nestor João Masotti

Sesquicentenário e compromisso de difusão
do Espiritismo

16 Presença de Chico Xavier

O Primeiro Capítulo – *Irmão X*

21 Esflorando o Evangelho

Espiritismo na fé – *Emmanuel*

34 A FEB e o Esperanto

O Esperanto e *O Livro dos Espíritos* – *Afonso Soares*

35 Sombra e luz / Ombro kaj lumo – Casimiro Cunha

50 Seara Espírita

5 O Livro dos Espíritos – 150 anos – Juvanir Borges de Souza

8 Hosanas ao Sesquicentenário de

O Livro dos Espíritos – *Vianna de Carvalho*

13 A força do Espiritismo – Allan Kardec

14 150 anos de pioneirismo científico – Marlene Nobre

17 Irmãos, lembremo-nos sempre de que o Espiritismo...

– *Emmanuel*

18 A Era do Espírito – Zalmino Zimmermann

20 Seminário sobre o SAPSE na FEB-Rio

22 Sobre a lógica do conhecimento de si mesmo –

Cosme D. B. Massi

26 Ante o Sesquicentenário – Inaldo Lacerda Lima

27 Considerações sobre o Progresso do Espiritismo –

Foi dada a primeira palavra... – *Marcelo Firmino Dias*

29 Movimento Espírita de São Paulo comemora os

150 anos do Espiritismo

30 O Reino de Deus está dentro de nós –

Décio Iandoli Jr.

32 Homenagens – Richard Simonetti

33 Correios lançam novo selo sobre Espiritismo

36 Procura-se Allan Kardec – Carlos Abranches

38 Lendo Kardec – Mário Frigéri

39 Homenagem de Emmanuel à Codificação –

Antonio Cesar Perri de Carvalho

41 Na literatura, as obras-primas! – Kleber Halfeld

44 Primórdios do Espiritismo – Adilton Pugliese

47 150 anos de lançamento de *O Livro dos Espíritos*



Editorial

A chegada do Consolador

“Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador a fim de que fique eternamente convosco: – O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. – Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito.”

*(S. João, 14:15 a 17 e 26.)**

Jesus marcou fortemente a sua presença junto aos homens. Trouxe-nos as noções básicas da Lei de Amor que rege toda a obra da Criação Divina, mostrando que Deus, nosso Pai, é justo e bom, e que tudo criou para o bem e para a dinâmica do aprimoramento que a todos felicita.

Ensinou-nos a amar a Deus, amar ao próximo e a nós mesmos.

Deixou-nos um exemplo vivo da prática da caridade no seu sentido mais amplo e profundo, cultivando a benevolência para com todos, a indulgência para com as imperfeições humanas e dando um marcante testemunho de perdão, quando, já crucificado, pediu a Deus que perdoasse os homens.

Sabia, contudo, que seus exemplos e lições não seriam colocados em prática, de imediato, pelos seres humanos, os quais iriam deturpá-los e distorcê-los, adaptando-os às suas limitações.

Jesus também reconhecia não haver, na época, condições de passar aos homens todos os ensinamentos. Era preciso aguardar o trabalho da evolução, preparando a Humanidade com dolorosas experiências, para a conquista de novos conhecimentos.

No período que se seguiu à sua presença na Terra, a Humanidade aprimorou-se: a Ciência rompeu barreiras e ampliou seus conhecimentos; a Filosofia aprofundou o raciocínio em busca da verdade; a Religião revisou seus conceitos com relação ao Criador e à Criação; e as Artes desenvolveram o sentimento no cultivo do belo e da harmonia universal.

À medida que avançava em novas conquistas, aumentavam as dúvidas do homem: o que sou, de onde vim, para onde vou, qual a razão da dor e do sofrimento, qual o sentido da existência humana. Surgem condições para novos esclarecimentos: mostra-se oportuna a chegada do Consolador Prometido.

No dia 18 de abril de 1857, em Paris, França, esse Consolador vem efetivamente ao mundo na forma de um singelo livro – *O Livro dos Espíritos* –, de autoria de um educador, Allan Kardec, e com a mesma simplicidade da manjedoura que marcou a vinda do Messias Nazareno. Chega para ficar eternamente conosco, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.

O Livro dos Espíritos – 150 anos de luz e paz, esclarecendo e consolando.

* *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. VI, item 3.

O Livro dos Espíritos

– 150 anos –

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Comemora-se em 18 de abril do corrente ano o Sesqui-centenário da publicação da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*.

Essa obra basilar da Doutrina Espírita representa um marco indelével de uma Nova Revelação, de uma Nova Era para a Humanidade deste “mundo de expiações e provas”.

Mas não podemos esquecer que essa edição inicial seria ampliada pelos próprios autores espirituais, utilizando os mesmos métodos e o mesmo missionário – Allan Kardec – dela resultando a segunda edição, publicada em março de 1860, que se tornou definitiva.

O Livro dos Espíritos é, assim, a obra fundamental de uma Doutrina, baseada na realidade dos fatos e na verdade que deles resulta, ensinada e interpretada por seres espirituais que se revelaram superiores aos homens, tanto em conhecimentos quanto em sentimentos.

A Doutrina dos Espíritos, ou Espiritismo, é extremamente abrangente, revelando a existência de mundos espirituais que se relacionam permanentemente com os mundos materiais, como esse em que vivemos.

Apesar da ampliação da Dou-

trina revelada pelos Espíritos, abrangendo aspectos teológicos, científicos, filosóficos, religiosos e morais, é ela perfeitamente compreensível e perceptível pelas inteligências comuns, interessadas no aperfeiçoamento intelectual e moral e na realidade dos fatos.

A Nova Revelação, que dá uma nova dimensão à vida com o conhecimento do que é verdadeiramente o homem, sua origem e seu destino, desvenda seu futuro e sua imortalidade, subordinado às leis eternas, justas e perfeitas de Deus, o Criador de tudo o que existe no Universo infinito.

Foi a novel Doutrina precedida por uma vasta fenomenologia, a partir de 1848, em Hydesville, nos Estados Unidos, espalhando-se pela nação americana, pela Europa e outras partes do mundo.

As denominadas “mesas girantes” ou “falantes” precederam aos estudos sérios de Allan Kardec, que resultaram na primeira edição histórica de *O Livro dos Espíritos*, um registro inicial e importante de que chegara a oportunidade do cumprimento da promessa de Jesus, o Cristo, de que pediria ao Pai o envio de outro Consolador, para re-

lembrar seus ensinamentos e trazer conhecimentos novos aos homens.

A edição inicial, que seria ampliada posteriormente, em 1860, sempre sob a orientação da Espiritualidade Superior, à frente o Espírito Verdade, como se apresentava ao Codificador, desdobrou-se posteriormente em outras quatro obras, constituindo o denominado “Pentateuco Kardequiano”: *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*.

O Livro dos Espíritos, em sua primeira edição, publicado após a fenomenologia variada, provocada pelas entidades





espirituais, foi o impacto necessário para chamar a atenção de quantos estivessem em condições de entender as manifestações dos seres espirituais, com as necessárias explicações ao alcance das inteligências encarnadas.

Entretanto, a Nova Revelação, de iniciativa da Espiritualidade Superior e apresentada pelo missionário Allan Kardec aos homens, iria provocar discussões e objeções de várias procedências, principalmente da parte dos que não tinham condições de entendê-la e aceitá-la e daqueles cujos interesses imediatos eram afetados por uma nova realidade posta em evidência.

As aceitações, as rejeições e as discussões foram intensas por toda parte onde a questão transcendental tornou-se conhecida.

Estava lançada a idéia de uma nova ordem e de uma nova realidade que afetava os interesses e as concepções da vida por parte das ciências, das religiões, das filosofias e das simples opiniões do homem comum, inclinado ou não, a conhecer a verdade dos fatos.

Despertou-se, assim, o interesse geral para uma questão de extrema importância para toda a Humanidade.

Como todas as verdades que surgem na Terra, em todos os tempos, a Doutrina dos Espíritos, não só na época de seu aparecimento, há cento e cinquenta anos, mas nos dias atuais e no futuro, contará sempre com adeptos e opositores, até que as condições do nosso mundo se transformem para melhor, atingindo o esperado mundo regenerado, no qual deixarão de predominar a ignorância das verdades eternas, o orgulho, as presunções personalistas e os interesses egoístas.

Negar a realidade dos fatos é próprio dos habitantes de mundos atrasados, como o nosso. Mas como tudo se subordina às leis naturais, ou divinas, entre as quais se insere a lei do progresso, não resta dúvida de que a verdade acaba prevalecendo sobre a ignorância, operando-se a transformação, em questão de tempo, dentro da eternidade.

Não foi sem razão que o Cristo

de Deus, diante da ignorância dos homens de há dois mil anos, ministrou-lhes ensinamentos e revelações, mesmo sabendo que muitos não os entendiam ou não os aceitavam.

Suas lições encerravam esperança em melhor compreensão das leis divinas, no futuro, utilizando linguagem figurada, alegorias e pequenas histórias, lembrando sempre que: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.

•

Canuto Abreu, em sua obra intitulada *O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária*, cuja primeira edição, em 18 de abril de 1992, teve seus direitos reservados ao Lar da Família Universal, de São Paulo, faz relatos interessantes sobre o que ocorreu no dia 18 de abril de 1857, um sábado.

Informa o referido autor que, no dia da publicação da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, o professor Rivail e sua esposa Amélie Boudet receberam em sua residência vários amigos, com o objetivo de agradecer-lhes a cooperação que ofereceram para a publicação da obra.

Em determinado momento da reunião, o professor Rivail (Allan Kardec) pedindo a atenção dos presentes, refere-se a uma série de fatos, que vamos sintetizar, valendo-nos do que está relatado no referido livro.

Começa o Codificador agradecendo às famílias Baudin, Roustan e Japhet por lhe proporcionarem os ambientes necessários ao recebimento dos ensinamentos dos Espíritos.

Jesus prometeu a vinda de outro Consolador a seus discípulos



Refere-se às jovens Caroline, Julie e Ruth Celine, que muito contribuíram com suas mediunidades na recepção das comunicações espirituais, as duas primeiras como receptoras das essências dos assuntos transmitidos, enquanto Ruth era a medianeira para os esclarecimentos necessários e complementares.

Esclareceu o Codificador que, além dessas três médiuns, recorreu ele a cerca de dez outros médiuns, por sugestão dos Guias espirituais, com o objetivo de robustecer as teses e ensinamentos que pudessem oferecer quaisquer dúvidas, por suas inovações.

Continuando suas explicações, refere-se Kardec ao motivo pelo qual resolveu afrontar sozinho a oposição que o livro iria provocar, pelos interesses contrariados, não achando justo que outras pessoas fossem envolvidas nas acusações.

Explica, então, que os Espíritos haviam-no aconselhado a agir dessa forma, embora os autores da obra fossem diversas entidades espirituais.

Justifica por que julgou seu dever ocultar os nomes dos diversos médiuns que colaboraram na obra, preservando-os, assim, dos ataques que inevitavelmente lhes seriam desfechos pelos opositores e descontentes.

Refere-se o Codificador também à primeira vez que assistiu ao fenômeno da “mesa falante”, na residência da senhora Plainemaison, médium que lhe proporcionou a primeira oportunidade de assistir a uma reunião de manifestações espirituais, no dia 8 de maio de 1855.

Esse dia, diante da mesa animada, falante, foi para ele, o Codificador da Doutrina Espírita, o encontro com a comprovação da imortalidade que, debalde, procurara na Filosofia e na Religião.

Complementa afirmando que aqueles fenômenos, além da imortalidade da alma, preparavam os homens para uma Nova Revelação. E foi com essa convicção que procurou expandir suas pesquisas e relacionamentos com o mundo espiritual, do que resultou *O Livro dos Espíritos*, que foi revisado após ouvidos os Espíritos, através das jovens médiuns Caroline e Julie e de mais de dez outros medianeiros, escolhidos por seu caráter e desinteresse sobrejamente reconhecidos.

À página 163 do livro de Canuto Abreu, conta o professor Rivail que o primeiro encontro com o Espírito Verdade ocorreu no dia 25 de março de 1856 e que a entidade, indagada como deveria ser chamada, respondeu-lhe: “Para você eu me denominarei – Verdade”.

Verdade é um nome simbólico, representando tudo o que foi revelado aos homens, pela Espiritualidade Superior, através da mediunidade e dos trabalhos metódicos do missionário Allan Kardec; é a realidade, os princípios certos que regem a tudo.

Torna-se interessante notar que os amigos do professor Rivail, aqueles com os quais trabalhou desde que tomou conhecimento das revelações dos Espíritos, em 1855, através de diversos médiuns, todos tinham a convicção de que ele era o missionário da Espiritua-

lidade para chefiar os trabalhos que se iniciavam e que iriam caracterizar uma nova fase de profundo e extenso alcance na marcha evolutiva da Humanidade – a Revelação Espírita.

É o que se deduz das palavras de Carlotti, de Baudin, de Rouston, de Japhet, de Fortier, de Cahagnet e de suas esposas e dos diversos médiuns que se colocaram a serviço das comunicações dos Espíritos, encaminhadas e examinadas com o rigor e o bom senso característicos de Allan Kardec – o missionário encarregado de sistematizar a Doutrina Espírita.

Tinha Kardec a certeza de que a Doutrina, resumida na sua obra básica, contaria com a simpatia dos primeiros adeptos, aqueles que se renderiam à exposição dos fatos e às realidades decorrentes das comunicações e esclarecimentos do mundo espiritual, através da mediunidade.

Mas estava o Codificador convencido também de que a Nova Revelação encontraria muitos contraditores, especialmente os que se julgavam donos absolutos e exclusivos da verdade e da luz que dela emana.

Por isso, sem a pretensão de convencer a todos, o Codificador, no item III da “Introdução” de *O Livro dos Espíritos*, procura focalizar algumas das objeções opostas à novel doutrina, objetivando responder antecipadamente aos de boa-fé e aos que buscam instruir-se, colocando de lado os juízos levianos e precipitados e os decorrentes de interesses imediatistas, tendenciosos e os formados precipitadamente. ■

Hosanas ao Sesquicentenário de *O Livro dos Espíritos*

Após o letargo em que mergulharam as inteligências por longos séculos, proibidas pela intolerância clerical de raciocinar em torno da realidade da Vida e das legítimas aspirações do ser humano, espocaram as reações do pensamento filosófico e da experimentação científica, a pouco e pouco vencendo as lamentáveis imposições arbitrárias e abrindo campo a novas conquistas libertadoras.

Desalgemadas da tirania a que estiveram submetidas, conseguiram penetrar nas incógnitas existenciais, decifrando-as com a contribuição da lógica e da razão, ao tempo em que as demonstrações laboratoriais confirmavam-lhes as conquistas exuberantes.

As possibilidades de aprofundamento das sondas da investigação nos variados campos do conhecimento ensejaram-lhes ampliação de entendimento sobre o macro e o microcosmo, desvelando realidades jamais imaginadas, graças às quais o progresso passou a multiplicar-se pelas próprias conquistas, e não mais lentamente sob as ameaças perver-

Sucedem, porém, que esse fenômeno é resultado da força da vida que não permite seja impedido de maneira permanente o desenvolvimento intelecto-moral do espírito humano, e toda vez que este se vê ameaçado, mais vitalidade adquire para superar os empecilhos, trabalhando pela liberdade de pensamento, de expressão e de ação.

Era natural, no entanto, que ao lado das incontáveis aquisições científicas e tecnológicas, dos avanços culturais e descobrimentos de toda ordem, surgissem as reações da mágoa, as necessidades de desforços, as agressões a instituições e lideranças caducas, assinalando o momento com pessimismo e amargura.

O materialismo que se instalou soberano nas academias, agora livres do imperialismo cruel das religiões ultramontanas, comandando os seus aficionados, ergueu-se, tão arrogante quanto as crenças espiritualistas que o antecederam, travando inglórias batalhas de resultados nefastos para a cultura.

Homens e mulheres notáveis engalfinharam-se em contendas injustificadas, enquanto cientistas respeitáveis deixaram-se dominar

pela necessidade de, junto aos pensadores, exterminar Deus e a fé religiosa nas mentes e nos corações humanos, dando lugar a um grande vazio existencial.

O materialismo é uma chaga no sentimento da criatura, porque lhe retira toda a esperança de felicidade e de consolação após as acerbadas dores da existência física. Anula a alegria de viver ante as vicissitudes e os testemunhos inevitáveis em todas as experiências humanas da evolução. Perturba a mente e tortura o sentimento, empurrando o homem e a mulher para o suicídio quando os recursos imediatos não podem resolver as ocorrências angustiantes, as enfermidades irreversíveis, os dissabores morais, os sofrimentos espirituais...

Logo se espalhou uma onda de descrença em tudo, inclusive no próprio ser humano, estabelecendo-se paradigmas utilitaristas e imediatistas para a conquista do prazer e da felicidade, enquanto utopias variadas convidavam ao existencialismo e à libertinagem, como mecanismos de fuga da fragilidade orgânica e da temporalidade do corpo.

Por outro lado, a precipitação

de alguns cientistas elaborou teorias fantasistas para explicar a vida e o ser, antes de comprovação laboratorial que lhes servisse de fundamento para aquisição de valor.

Escolas de pensamento multiplicaram-se com e sem ética, procurando umas sobrepor-se às outras, em aguerridos combates culturais nem sempre sustentados pelo bom senso e pelo altruísmo dos seus defensores.

Teses formidandas surgiram da noite para o dia procurando explicar tudo, inclusive o que nunca fora examinado, assim tudo reduzindo praticamente ao nada, em orgia de liberdade intelectual, prejudicando a respeitabilidade do bom-tom e da razão.

A euforia abriu portas a descalabros culturais e comportamentais muito graves, tão prejudiciais quanto as proibições anteriores e as suas perseguições insanas.

Embora as luzes da cultura se expandissem, permaneceram muitas sombras e novos dogmas foram estabelecidos pelos *magister dixit*, substituindo aqueles que foram ultrapassados...

A *deusa razão*, que fora entronizada em Notre Dame, por exemplo, no fim do século XVIII, cedeu lugar ao anarquismo e simultaneamente ao autoritarismo de alguns cientistas e pensadores do século XIX, mantendo o aturdimento nas massas humanas nos seus diferentes segmentos sociais, nem sempre esclarecidas e bem orientadas.

Foi nesse bátrio que surgiu O *Livro dos Espíritos*, apresentado por Allan Kardec, no dia 18 de abril de

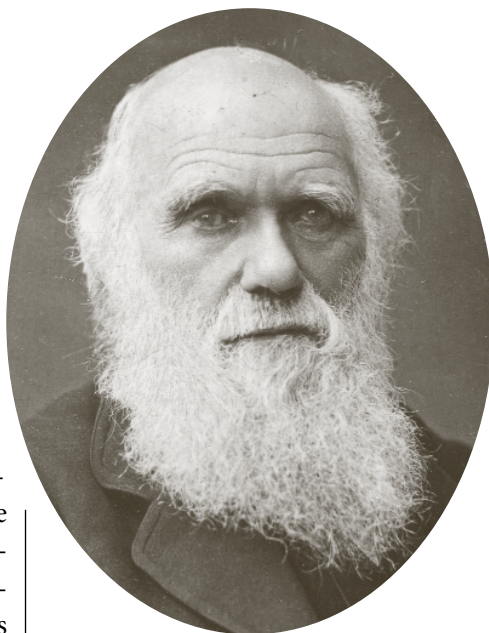
1857, como débil claridade na imensidão das sombras...

Possuidor de incomparáveis tesouros de lógica e de ética, de conhecimentos e de informações que vieram dos Espíritos imortais, novas proposições fizeram-se conhecidas, esclarecendo dúvidas e interrogações inquietadoras, fundamentando sempre os seus argumentos nas conquistas realizadas pela ciência de então, com lucidez para enfrentar as suas futuras aquisições de forma sempre atual e renovadora.

Antecipando Charles Darwin, Allan Kardec apresentou o evolucionismo vinculado ao criacionismo, única forma de compreender-se o processo antropossociopsicológico do ser humano, dando-lhe dignidade e objetivo existencial.

Estabelecendo paradigmas de alta magnitude, libertou Deus do antropomorfismo em que O encarceraram através dos milênios, explicando de forma profunda o que são o espírito e a matéria, a criação, a morte e a reencarnação, a justiça divina, os processos de interferência espiritual na conduta humana, as leis morais da vida, as esperanças e as consolações.

Examinou a moral sob o ponto de vista dos imortais, oferecendo luz à ciência e antecipando-a em muitas explicações, porque, enquanto a mesma *estuda os efeitos*, o *Espiritismo remonta às causas* de todas as ocorrências, dando-lhes sentido lógico e ético, fundamentando os seus postulados no amor de Deus, *Causa Primeira de todas as coisas*.



Charles Darwin: sua tese sobre a origem comum e a evolução das espécies foi antecipada pelos Espíritos reveladores em *O Livro dos Espíritos*

À medida que foi examinado, conhecido e divulgado, tornou-se modelo de doutrina científica, filosófica e moral de conseqüências religiosas, em razão dos paradigmas que estatui, apresentando o Espiritismo com *uma ciência que estuda a origem, a natureza, o destino dos Espíritos e as relações que existem entre o mundo corporal e o mundo espiritual*. Ciência *sui generis*, porque não se utiliza dos elementos convencionais que são examinados pelas outras, mas estuda o ser humano em sua estrutura íntima, como *princípio inteligente do Universo*, acompanhando-o após a disjunção molecular, pelo fenômeno da morte biológica.

Ao mesmo tempo, oferece uma filosofia comportamental rica de bênçãos, nos seus conteúdos ético-morais, que culminam com a crença em Deus, na imortalidade da alma, nas comunicações dos Espíritos, na pluralidade dos mundos

habitados, firmada nos postulados ensinados e vividos por Jesus e pelos Seus primeiros discípulos...

Utilizando-se da mediunidade, o preclaro Codificador demonstrou à saciedade a sobrevivência do Espírito à desencarnação, assim como as multifárias experiências reencarnatórias que lhe são facultadas, a fim de alcançar a perfeição relativa que lhe está destinada.

Graças a esse processo de evolução ficaram explicadas, desde então, as razões do sofrimento, dos destinos, das aspirações e das ocorrências felizes ou desditosas que assinalam incontáveis existências corporais.

Proporcionou a visão otimista em torno da jornada terrestre, assinalando que a responsabilidade pelo progresso ou o estacionamento na via de crescimento intelecto-moral é de cada um, que desfruta da oportunidade de desenvolver as aptidões que lhe dormem inatas, heranças que são da Divindade, ínsitas em todos.

Desfez a mitologia a respeito dos divinos castigos e das eternas punições, assim como das benesses celestiais concedidas a passo de mágica, distantes da justiça e do amor irrefragável do Criador que vive no Cosmo.

Antecipou o conhecimento em torno da consciência humana, explicando que nela se encontra gravada a lei de Deus, do que resultam as alegrias existenciais, os conflitos e as culpas, os procedimentos geradores da felicidade e do desar.

Obra monolítica, desdobrou-se nos incomparáveis *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*, abrangendo o conhecimento universal e mantendo vinculação com as mais diversas ciências como a

Kardec com *O Livro dos Espíritos*: fundamento, por excelência, da Nova Era, quando estará consagrada a definitiva aliança entre a Ciência e a Religião

Antropologia e a Psicologia, a Fisiologia e a Psiquiatria, a Química e a Física, a Biologia e a Astronomia, o Direito e as Artes...

Nestes dias, quando o conhecimento atingiu patamares jamais supostos de existir, facultando as comunicações virtuais, as cirurgias com transplantes de órgãos, a implantação de células-tronco trabalhando pelo *milagre da vida*, as técnicas de regressão a existências passadas, a convivência com as micropartículas e com a biologia molecular, com o genoma humano decodificado, penetrando-se na intimidade do DNA e nas suas estruturas, *O Livro dos Espíritos* permanece atual, oferecendo informações de alto significado aos seus pesquisadores.

Resistindo a um século e meio de evolução cultural, filosófica, científica e tecnológica, continua sendo a mais completa síntese de informações contemporâneas de que se tem notícia.

Pelos milhões de vidas que vem iluminando e libertando do suicídio, da loucura, das aflições, tornando-as felizes, todos aqueles que nos deixamos penetrar pela sua sabedoria cantamos hosanas, saudando-o pelo transcurso do seu Sesquicentenário de surgimento em Paris, simbolizando o início da Era Nova do Espírito imortal.

Vianna de Carvalho

(Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, no Centro Espírita Caminho da Redenção, no dia 1º de fevereiro de 2007, em Salvador, Bahia.)



Entrevista NESTOR JOÃO MASOTTI

Sesquicentenário e compromisso de difusão do Espiritismo

Ao ensejo do Sesquicentenário da Doutrina Espírita, o presidente da FEB, Nestor João Masotti, analisa o significado e as repercussões desta efeméride, e destaca que o agora é a melhor oportunidade para se intensificar a difusão das obras da Codificação Kardequiana

Reformador: Qual o significado das Comemorações do Sesquicentenário da Doutrina Espírita?

Nestor: Significa, basicamente, a

nosso ver, que a Doutrina Espírita, na condição de Consolador Prometido por Jesus, veio, no devido tempo, esclarecer ao homem que a vida não termina com a morte do corpo, que ele é um Espírito imortal que já teve inúmeras reencarnações através das quais desenvolveu os seus valores intelectuais e morais, que a comunicação com o mundo espiritual é um fato e que a Doutrina Espírita possui um roteiro de vida que lhe assegura paz duradoura pela vivência do Evangelho. Nessa fase de transição e instabilidade que o mundo atravessa, o conhecimento do Espiritismo e o esforço de colocar em prática os seus princípios representam uma bênção que proporciona ao homem a felicidade relativa possível na Terra.

Reformador: E as expectativas quanto à repercussão do 2º Congresso Espírita Brasileiro?

Nestor: Será, sem dúvida, uma excelente oportunidade, para os espíritas, de nos encontrarmos; de convivemos fraternalmente cultivando a alegria das comemorações de 150 anos de luz e paz que a Doutrina Espírita nos proporciona; de aprofundarmos o nosso conhecimento a respeito dos princípios espíritas; de trocarmos experiências em torno das atividades, do estudo, divulgação e prática do Espiritismo, e de participarmos da tarefa de colocar a Doutrina ao alcance e a serviço de todas as pessoas, para que também se beneficiem de seu conhecimento. Estamos confiantes em que os resultados serão altamente positivos para todos.

Reformador: Os Correios lançam o quinto selo sobre Kardec. Como analisa este fato histórico?

Nestor: De certa forma, representa o reconhecimento pelo trabalho que os espíritas brasileiros têm realizado desde o final do



século XIX, voltado, sempre, à assistência desinteressada a todos os que buscam orientação, esclarecimento e amparo junto aos núcleos espíritas. É também, a nosso ver, o reconhecimento pelo número crescente de pessoas que têm encontrado na Doutrina Espírita as respostas seguras para suas dúvidas e o roteiro de vida de que necessitam para nortear suas existências.

Reformador: *Qual a estimativa de tiragem e de edições pela FEB, até nossos dias, de O Livro dos Espíritos?*

Nestor: A Federação Espírita Brasileira, desde o início de suas atividades editoriais, já publicou cerca de 2 milhões de exemplares de *O Livro dos Espíritos*.

Reformador: *O que balizou o lançamento da recente Edição Comemorativa de O Livro dos Espíritos?*

Nestor: Em 1998, a Federação Espírita Brasileira (FEB), juntamente com o Conselho Espírita Internacional (CEI), a União Espírita Francesa e Francófônica (UEFF) e o Instituto de Difusão Espírita (IDE), publicou uma edição fotocopiada da segunda edição francesa de *O Livro dos Espíritos*, revista e ampliada, lançada em 1860, em substituição à sua 1ª edição, de 18 de abril de 1857. No trabalho preparatório dessa edição fotocopiada, constatou-se a existência de alguns acréscimos, supressões e modificações feitos por Allan Kardec até a 12ª edição francesa que passou a ser

considerada definitiva, uma vez que não se observou qualquer outra alteração posterior. Algumas destas partes não constavam nas edições em língua portuguesa que tomaram por base originais publicados posteriormente. Com isto, achou-se conveniente preparar uma edição – organizada e traduzida com muito critério pelo nosso confrade Evandro Noleto Bezerra –, que incluísse esses textos anteriormente não publicados, desse modo proporcionando a todos os leitores a oportunidade de se aprofundarem no conhecimento, inclusive histórico, da Doutrina Espírita.

Reformador: *A FEB e o CEI têm editado O Livro dos Espíritos em outros idiomas?*

Nestor: Além das edições na língua portuguesa, a FEB vem editando, também, *O Livro dos Espíritos* em esperanto. Já o Conselho Espírita Internacional editou este livro em inglês, em húngaro e está lançando em francês a Edição Comemorativa do seu Sesquicentenário.

Reformador: *Como avalia a difusão do pensamento espírita em nosso país?*

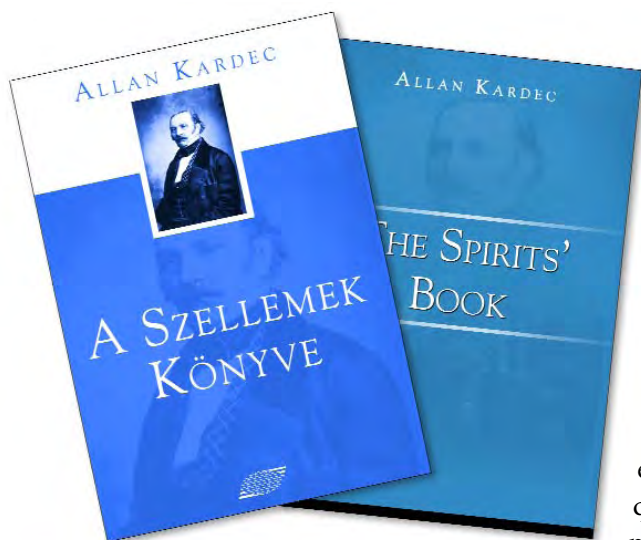
Nestor: A lógica dos princípios espíritas, a liberdade na análise e na aceitação dos seus conceitos, os fatos que não colocam em dúvida a imortalidade do homem como Espírito reencarnado, uma melhor compreensão da bondade e da justiça que norteiam as leis de Deus e um melhor enten-

dimento dos ensinamentos do Evangelho de Jesus – tudo isso dá ao homem um sentido para a vida e uma grande motivação para o seu aprimoramento intelectual e moral. Isto vai contagiando positivamente todas as pessoas que mantêm contato com o trabalho espírita, aumentando gradativamente o número dos que se beneficiam com o seu conhecimento e com as oportunidades de realização que ele proporciona.

Reformador: *O que recomenda aos espíritas brasileiros ao ensejo do Sesquicentenário da publicação de O Livro dos Espíritos?*

Nestor: Em “Prolegômenos” de *O Livro dos Espíritos*, os Orientadores espirituais, incumbidos de trazer os ensinamentos contidos nas obras da Codificação que Allan Kardec elaborou, tornaram claro que vieram lançar as bases de um novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade. Naturalmente, esse trabalho de edificação depende dos homens, especialmente dos espíritas, conhecedores desses ensinamentos e que se sentem conscientemente convocados para a tarefa, a qual implica no estudo, na divulgação e na prática dessa mensagem consoladora.

Não há oportunidade melhor para a realização dessa tarefa do que agora. Este é o momento de transição em que se constroem as bases do mundo novo, de Regene-



Capa das edições em húngaro e inglês de *O Livro dos Espíritos*

ração, o qual será regido pela convicção da imortalidade espiritual e pelo propósito da vivência da moral contida no Evangelho de Jesus. Todos, indistintamente, esta-

mos convidados para esse trabalho. Que cada um contribua de conformidade com as suas aptidões e as suas possibilidades, com dedicação, coragem e perseverança. Mas que não deixem de participar, para não lamentarem, no futuro, a oportunidade perdida.

O Espírito de Verdade, elevado Orientador espiritual, que participou dos trabalhos da Codificação Espírita, nos convida: “[...] Ditosos serão os que houverem trabalhado no campo do Senhor, com

desinteresse e sem outro móvel, senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos pelo cêntuplo do que tiverem esperado. Ditosos os que hajam dito a seus irmãos: ‘Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra’, porquanto o Senhor lhes dirá: ‘Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!’[...]”*

Atendamos, pois, ao convite desse nobre amigo e orientador. ■

* KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XX, item 5.

A força do Espiritismo

O Espiritismo progrediu principalmente depois que foi sendo mais bem compreendido na sua essência íntima, depois que lhe perceberam o alcance, porque toca nas fibras mais sensíveis do homem: as da sua felicidade, mesmo neste mundo. Aí está a causa da sua propagação, o segredo da força que o fará triunfar. Enquanto aguarda que sua influência se estenda sobre as massas, ele já torna felizes os que o compreendem. Mesmo os que não tenham presenciado qualquer fenômeno material, dizem: fora desses fenômenos, há a filosofia, que me explica o que *nenhuma* outra me havia explicado; nela encontro, tão-somente pelo raciocínio, uma demonstração *racional* dos problemas que interessam no mais alto grau ao meu futuro; ela me dá calma, firmeza, confiança e me livra do tormento da incerteza. Ao lado de tudo isso, a questão dos fatos materiais se torna secundária.

.....

O Espiritismo é forte porque se apóia sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras; é forte, sobretudo, porque mostra essas penas e recompensas como conseqüências naturais da vida terrestre e também porque, no quadro que apresenta do futuro, nada há que a razão mais exigente possa recusar. Vós, cuja doutrina consiste na negação do futuro, que compensação oferecis aos sofrimentos deste mundo? Enquanto vos apoiais na incredulidade, ele se apóia na confiança em Deus; ao passo que convida os homens à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade, vós lhe oferecis o *nada* por perspectiva e o *egoísmo* por consolação. Ele prova pelos fatos, vós nada provais. Como quereis que o homem vacile entre essas duas doutrinas?

Allan Kardec

Fonte: *O livro dos espíritos*. Ed. Comemorativa do Sesquicentenário. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Conclusão, item V, p. 565-566. Título atribuído pela Redação.

150 anos de pioneirismo científico

MARLENE NOBRE*

Naturalmente, os 150 anos de *O Livro dos Espíritos*, suscitam em nós, seus beneficiários, justas homenagens e comemorações; não devemos esquecer, todavia, de enfatizar a importância da contribuição desse legado à renovação de todas as áreas do conhecimento humano. De nossa parte, gostaríamos de rememorar, sobretudo, algumas questões ligadas ao campo do pioneirismo científico.

Antes de tudo, é preciso relembrar que Kardec situou toda sua pesquisa em bases experimentais, procurando não somente estabelecer a veracidade fática, mas também submeter a controle os ensinamentos coletados pelos Espíritos, desde que pôde observar, entre eles, divergência de opiniões, debitável às diferenças de conhecimento intelectual e estado moral.

A primeira edição de *O Livro dos Espíritos* foi lançada em 1857, com 501 questões. Em março de 1860, Kardec já publicava a 2ª edição, consideravelmente aumentada, com 1019 questões, além de notas, abrangendo questões científicas, filosóficas e religiosas.

O Livro dos Espíritos não é uma

obra científica, mas nele encontramos referências a distintos ramos do saber. Anotemos algumas: na 2ª edição, há revelações sobre a evolução que possuem uma amplitude maior que a suscitada pela obra de Darwin – *A Origem das Espécies*, de 1859, na qual confirmou os dados expostos na *Royal Society*, juntamente com Wallace, em 1858. Darwin não incluiu, porém, o homem na teoria evolucionista; somente em 1871 veio a fazê-lo (veja-se *Sobre a Descendência do Homem*), estimulado pelas publicações de Haeckel em 1866 e 1868.

O conceito exposto em *O Livro dos Espíritos* é mais amplo: nas questões 540, 560, 604, 606 e 607, Kardec colecionou referências à evolução, abrangendo os reinos do mineral ao hominal bem como o próprio espírito, demarcando assim uma evolução biológica e espiritual dos seres, todos eles emergentes do mundo atômico. Isto indica a necessidade de se levar em conta o espírito humano numa descrição do Universo pela Física, como postulava Teilhard de Chardin, posicionamento que vai adquirindo seguidores como se pode verificar pelos trabalhos do físico

francês Jean Charon, no qual o homem é visto como um participante ativo no processo de Criação.

Como se vê, desde 1860, os espíritas não são criacionistas, pelo menos não no sentido literal dado a este termo, e que tanta polêmica tem causado entre cientistas e religiosos em geral. Somos evolucionistas da primeira hora, embora de uma maneira muito especial, porque colocamos Deus no princípio de tudo e o princípio espiritual como uma de suas criações, evoluindo do “átomo ao arcanjo”, através de encarnações sucessivas.

Na questão 36, negam os Espíritos a existência de um vácuo absoluto,



por estar o espaço ocupado por uma “substância invisível”, algo como um campo quantizado dos físicos, do qual surge a matéria visível, sempre que ocorrem condensações no meio. Na questão 39, ensinam os Espíritos que a formação das partículas nucleares, que dão lugar ao surgimento do Universo, resultaria da condensação da matéria cósmica primitiva, disseminada no espaço. As questões 39 e 41 referem-se ao nascimento, envelhecimento e dissolução dos

astros com a disseminação da matéria pelo espaço. O sentido da unidade de todas as coisas encontra-se nas questões 23 e 33: “[...] *tudo está em tudo*”.

Do conceito de que a substância cósmica é imponderável, Kardec deduziu que a gravidade era uma propriedade relativa e que, fora da ação dos mundos, não haveria peso, conforme se tem comprovado pelas pesquisas espaciais. A afirmativa de John Gribbin de que “a gravidade é a força que mantém unido o universo” corresponde à idéia enunciada na

questão 27: o fluido cósmico seria “[...] o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e jamais adquiriria as propriedades que a gravidade lhe dá”. Em última análise, é o fluido cósmico que mantém unido o Universo.

Na questão 35, que reproduz a de nº 16 da 1ª edição, os Espíritos afirmaram que “o mesmo se dá com o infinito em todas as coisas”. Ressalta da assertiva o princípio de não-separabilidade, isto é, a unidade de todos os seres e coisas a partir de uma origem única: eles estão de tal modo relacionados entre si que podem ser ditos infinitos, sem separações, ao contrário do que se apresenta à nossa percepção.

Essas idéias científicas pioneiras terão, este ano, pelo menos em parte, excelente oportunidade de serem comprovadas, uma vez que, no 2º semestre, entrará em funcionamento o superacelerador de partículas do CERN, famoso centro de pesquisas científicas no campo da Física, em Genebra, Suíça, quando será testado pelo menos um dos fundamentos da Teoria das Supercordas – a supersimetria. Esta teoria, além da supersimetria – existência de uma família de partículas desconhecidas – prevê a existência de 11 dimensões, além das conhecidas, como também a existência de uma quinta força no Universo, com a qual somente entraríamos em conexão através da gravidade. Para nós, seria o nosso conhecido e decantado

fluido cósmico universal ou matéria cósmica primitiva.

É preciso ressaltar ainda que *O Livro dos Espíritos* foi um marco na difusão da reencarnação no Ocidente. E foi graças ao estudo da reencarnação que se abriram portas para múltiplas investigações, inclusive terapêuticas.

Ainda como decorrência natural de *O Livro dos Espíritos*, Kardec continuou suas pesquisas, lançando, em seguida, *O Livro dos Médiuns*, um verdadeiro tratado para a prática do paranormal. Neste livro, ao pesquisar os estados alterados de consciência, o Codificador defrontou-se, antes de Freud, com o inconsciente, no estudo dos fenômenos mediúnicos: sujeitos existiam capazes de recepcionar campos informacionais extrafísicos sem terem consciência do fato; outros, dotados de energia singular, eram capazes de, por eles mesmos, produzir efeitos físicos (pessoas elétricas, torpedos humanos).

Com os inquéritos a que submeteu os Espíritos comunicantes, a partir da elaboração do livro basilar que ora completa 150 anos, Kardec credenciou-se como o criador de uma sociologia do mundo espiritual.

Certamente, ainda existem muitos outros avanços a serem respigados nessa obra renovadora: as idéias de responsabilidade social, previdenciárias, educacionais, etc. Sem dúvida, um campo aberto a mais amplos estudos e pesquisas. ■

*Marlene Nobre é presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil).



Presença de **Chico Xavier**

O Primeiro Capítulo

Allan Kardec, o respeitável professor Denizard Rivail, já havia organizado extensa porção das páginas reveladoras que lhe constituíam *O Livro dos Espíritos*.

Devotado observador, aliara inteligência e carinho, método e bom senso na formação da primeira obra que lançaria os fundamentos da Doutrina Espírita.

Não desconhecia que a sobrevivência da alma era tema empolgante no século. Entretanto, apontamentos e experimentações, em torno do assunto, alinhavam-se desordenados e nebulosos. Os fenômenos do intercâmbio pareciam ameaçados pela hipertrofia de espetaculosidade.

Saindo de humilde vilarejo da América do Norte, a comunicação com os Espíritos desencarnados atinge os mais cultos ambientes da Europa, originando infrutífero sensacionalismo. Era necessário surgisse alguém com bastante coragem para extrair do labirinto a linha básica da filosofia consoladora que os fatos consubstanciavam, irrefutáveis e abundantes.

Advertido por amigos da Espiritualidade de que a ele se atribuía, em nome do Senhor, a elevada missão de codificar os princípios espíritas, destinados à mais ampla reforma religiosa, pusera mãos ao trabalho, sem cogitar de sacrifícios. E adotando o sistema de perguntas e respostas, conseguira vasta colheita de esclarecimento e de luz.

Guardava consigo preciosas anotações acerca da constituição geral do Universo, surpreendentes informes sobre a vida de além-túmulo e belas asserções definindo as leis morais que orientam a Humanidade.

O material esparso equivalia quase que praticamente ao livro pronto. Contudo, era preciso estabelecer um ponto de partida. O primeiro compêndio

do Espiritismo, endereçado ao presente e ao futuro, não podia prescindir de sólidos alicerces.

E, debruçado sobre a mesa de trabalho, em nevada noite do inverno de 1856, o Codificador interrogava a si mesmo: – Por onde começar? Pelas conclusões científicas ou pelas indagações filosóficas? Seria justo desligar a Doutrina, que vinha consagrar o antigo ensinamento do Cristo, de todo e qualquer apoio da fé, na construção das bases que lhe diziam respeito?

O conhecimento humano!... – pensava ele – não se modificava o conhecimento humano todos os dias?... As ilações filosófico-científicas não eram as mesmas em todos os séculos... E valeria escravizar o Espiritismo à exaltação do cérebro, em prejuízo do sentimento?

Atormentado, viu mentalmente os homens de seu tempo e de sua pátria, extraviados na sombra do materialismo demolidor...

A grande revolução que pretendia entronizar os direitos do Homem ainda estava presente no ar que ele respirava. Desde 2 de dezembro de 1851, o governo de Luís Napoleão, que retomava as linhas do Império, permitia prisões em massa, com deliberada perseguição aos elementos de todas as classes sociais que não aplaudissem os planos do poder. Muitos membros da Assembléia haviam sofrido banimento e mais de vinte mil franceses jaziam deportados, muitos deles sem qualquer razão justa. Homens dignos eram enviados a regiões inóspitas, quando não eram confiados, no cárcere, à morte lenta.

O pensamento do missionário foi mais longe... Recordou-se de Voltaire e Rousseau, admiráveis condutores da inteligência, mas também precursores da ironia e do terror. Lembrou Condorcet, o filósofo e matemático, envenenando-se para escapar à guilhotina, e Marat, o médico e publicista, assassinado num

banho de sangue, quando instigava a matança e a destruição.

Valeria a cultura da inteligência, só por si, quando, a par dos bens que espalhava, podia desmandar-se em sarcasmo arrasador e loucura furiosa?

Com o respeito que ele consagrava incondicionalmente à Ciência e à Filosofia, Kardec orou com todo o coração, suplicando a inspiração do Alto. Erguia-se-lhe a prece comovente, quando raios de amor lhe envolveram o espírito inquieto e ele ouviu, na acústica da própria alma, vigoroso apelo íntimo: – “Não menosprezes a fé!... Não comeces a obra redentora sem a Bênção Divina!...”

E o Codificador, nimbado de luz, com a emotividade jubilosa de quem por fim encontrara solução a terrível problema, longamente sofrido, consagrou o primeiro capítulo de *O Livro dos Espíritos* à existência de Deus.

Pelo Espírito Irmão X

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier.)

Fonte: *Reformador* de abril de 1957. Edição do 1º Centenário da Codificação do Espiritismo, p. 25(95).

Irmãos, lembremo-nos sempre de que o Espiritismo

visto, pode ser somente fenômeno;
ouvido, pode ser apenas consolação;
vitorioso, pode ser somente festividade;
estudado, pode ser apenas escola;

discutido, pode ser somente sectarismo;
interpretado, pode ser apenas teoria;
propagado, pode ser somente movimentação;
sistematizado, pode ser apenas filosofia;

observado, pode ser somente ciência;
meditado, pode ser apenas doutrina;
sentido, pode ser somente crença.

Não nos esqueçamos, porém, de que *Espiritismo aplicado* é VIDA ETERNA com Eterna Libertação.

A Codificação trouxe ao mundo uma chave gloriosa, cuja utilidade se adapta a numerosas portas. Escolhamos com o Apóstolo, que hoje recordamos, o caminho da aplicação:

TRABALHO, SOLIDARIEDADE, TOLERÂNCIA.

De coração elevado a Jesus, não temos por agora divisa mais nobre a recordar.

Vivei-a na fé consoladora.

Espiritismo é sol.

Brilhai na sua luz.

Emmanuel

(Mensagem recebida em reunião de três pessoas, entre as quais um diretor da FEB, para comemorar o aniversário do aparecimento de *O Livro dos Espíritos*, em Pedro Leopoldo, a 18/4/1943.)

Fonte: *Reformador* de abril de 1957. Edição do 1º Centenário da Codificação do Espiritismo, p. 19(89).

A Era do Espírito

ZALMINO ZIMMERMANN*

Os espíritas de todo o mundo festejam este ano o Sesquicentenário do surgimento de *O Livro dos Espíritos*. Sua importância é tal, que tem sido apontado como o grande balizador do advento da chamada Era do Espírito.

Publicado em Paris, em 18 de abril de 1857 (a Lei nº 9.471, de 7/12/96, do Estado de São Paulo, presta homenagem a esse acontecimento), graças ao trabalho e à cultura enciclopédica do sábio professor e pesquisador Allan Kardec (1804-1869), *Le Livre des Esprits* tornou-se a obra fundamental do

Espiritismo, com seu conteúdo de características únicas, revelando a natureza espiritual do ser humano, sua realidade interexistencial e o processo de sua evolução.

Em suas páginas, mestres espirituais, nobres representantes desencarnados do pensamento filosófico e científico de todos os tempos, por meio de um seletor corpo mediúnico, trazem suas respostas e esclarecimentos a questões organizadas por Kardec (501, na edição inaugural e 1019, na segunda e definitiva, em 18/3/1860), mostrando, com a densidade que caracteriza as coisas eternas, a inteira realidade espiritual.

A obra compõe-se de quatro partes. A primeira trata das *Causas Primeiras*, e seus quatro capítulos versam, respectivamente, sobre “Deus”, os “Elementos Gerais do Universo”, a “Criação”, o “Princípio Vital”. Na segunda parte, *Mundo Espiritual ou dos Espíritos*, é amplamente examinada, por meio de onze capítulos, a realidade espiritual em face da realidade física. Na terceira, *Leis Morais*, com doze capítulos, são estuda-

dos os princípios que regem o caminhar humano em direção à plenitude espiritual. A última parte, *Esperanças e Consolações*, composta de dois capítulos, refere-se a uma série de temas que dizem, especialmente, com a questão das consequências espirituais de nossos atos.

Com *O Livro dos Espíritos*, fundado no processo dinâmico do diálogo (a lembrar a maiêutica socrática), surge todo um novo e monumental edifício cultural, assentado em bases epistemológicas inéditas e estabelecendo os fundamentos de uma ética superior, condizente com o futuro da civilização (uma “Civilização do Espírito”), cujos sinais, aliás, já se fazem bem claros. Estabelecendo as ligações históricas das diversas fases da evolução humana, em vários aspectos, revela, entretanto, um pensamento que não se movimenta, apenas, entre o passado e o presente, mas, ultrapassando as concepções filosóficas tradicionais, abrange o futuro.

O conhecimento que inaugura foi, com muita propriedade, considerado por Oliver Lodge como “uma nova revolução copérnica” (*A Imortalidade Pessoal*). Seu conteúdo, no dizer de J. Herculano Pires (“Introdução” à edição da LAKE, 1957, p. 23), “se relaciona com todos os aspectos fundamen-



tais do conhecimento. Sua simplicidade aparente é tão ilusória como a da superfície tranqüila de um grande rio.

Como no “Discurso do Método”, de Descartes, a clareza do texto pode enganar o leitor desprevenido. As coisas mais profundas e complexas aparecem na linguagem mais direta e simples, e a compreensão geral do livro só pode ser alcançada por aquele que for capaz de apreender todos os nexos entre os diversos assuntos nele tratados”.

Instaurando um processo sistemático de intercomunicação entre o mundo espiritual e o físico, *O Livro dos Espíritos* mostra, de fato, um conteúdo que requisita, para a inteira apreensão de seu significado, detida análise e profunda meditação.

Trata-se, em verdade, de um guia de aperfeiçoamento humano. Sua construção é clara e bem definida. A partir da questão da existência de Deus, examina o problema da Criação, situa o ser humano no contexto universal, mostrando sua natureza espiritual e sua não sujeição à destruição da morte. Investiga o mundo espiritual e revela a lei da reencarnação, num contexto evolutivo, progressivo e teleológico. Estuda a interação entre as dimensões física e espiritual, examina a lei da causalidade espiritual, manifestação na dimensão espiritual da lei de causa e efeito, expressão magna da Ordem Cósmica, e aponta Jesus de Nazaré como o modelo da perfeição humana, mostrando que o desenvolvimento da bondade, muito mais que um

simples dever, corresponde a uma verdadeira necessidade evolutiva.

É, pois, um manual de Educação Integral oferecido ao ser humano para que amplie seus horizontes em direção a um sistema de convivência mais lúcida, marcada por um maior desenvolvimento de suas potencialidades espirituais, sem tanta dor e com mais fraternidade.

Com *O Livro dos Espíritos* resta superada a dicotomia sustentada pela tradição teológica, que pretende o mundo dividido entre o natural e o sobrenatural. Inexiste o sobrenatural. O sobrenatural é apenas o natural ainda não conhecido, provisoriamente não explicado. Leis morais ou físicas são todas leis de Deus, e tudo se encaixa na Criação, de tão imensos e complexos sistemas.

Em seus cento e cinquenta anos de existência, esse livro têm suscitado as mais diversas reações, não tendo escapado, inclusive, às fogueiras inquisitoriais. Agora, com a Biologia derrubando os obstáculos erguidos pelas concepções mecanicistas da vida, a Física revelando a natureza ilusória da matéria, a Astronomia, a Astrofísica e a Astrobiologia abrindo as cortinas do Universo para mostrar a possibilidade da existência de outras humanidades, a Psicologia Transpessoal abrindo perspectivas para uma Psicologia Interexistencial, agora que se admite cada vez mais a necessidade de uma reformulação das construções teológicas de caráter antropomórfico e feições mitológicas, buscando-se, inclusive, uma visão mais racional da

realidade evolutiva, é chegada a hora de se prestar mais atenção ao conteúdo desta obra e das demais que se lhe seguiram, em desdobramento, fruto do extraordinário labor missionário de Allan Kardec.

Esse conjunto notável de textos, que deu origem aos milhares de títulos expostos nas bibliotecas e livrarias de todo o mundo, e que marca o surgimento de um *neo-saber*, com influência decisiva e unificadora sobre todo o saber estabelecido, repercutindo cada vez mais na Ciência, projetando-se sobre a Filosofia, iluminando as religiões e renovando a Arte, insere-se harmoniosamente no contexto histórico-evolutivo da Humanidade, rumo a um novo e esplendoroso tempo de sabedoria e fraternidade.

Não é pois, sem razão, que o trabalho de Kardec atrai, hoje, o interesse e o respeito de pensadores de todos os quadrantes. E, lembrando Humberto Mariotti, pode-se admitir que, à luz da análise que cientistas e filósofos fazem da obra kardequiana, um dia a Humanidade, como falou do Renascimento, se recordará de uma nova época do processo histórico, a *Idade da Codificação*, em que foi dado ao homem alcançar um novo sentido da Vida, com a decisiva revelação de que é, essencialmente, um Espírito em evolução, rumo a padrões sempre superiores da consciência, em harmonia com o Pensamento Divino que rege a Criação. ■

*Zalmino Zimmermann é presidente da Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas (Abrame).

Seminário sobre o SAPSE na FEB-RIO



José Carlos da Silva Silveira fala ao público

Novo e igualmente fecundo encontro de espíritas do Estado do Rio de Janeiro, sob o patrocínio da Federação Espírita Brasileira (FEB), em fraterna parceria com o Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro (CEERJ), ocorreu no dia 24, último sábado de fevereiro, quando, sob a forma de seminário, foram tratados temas ligados ao Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita – SAPSE,

sob a coordenação do vice-presidente da FEB, José Carlos da Silva Silveira.

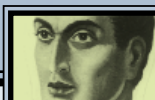
Das 9 às 16 horas, centenas de pessoas participaram ativamente dos trabalhos, submetendo questões bastante pertinentes e atuais à mesa-diretora que, sob a condução de Aloísio Ghiggino, diretor da Área de Unificação do CEERJ, foi composta, além do vice-presidente da FEB, José Carlos

da Silva Silveira, por Nina Peixoto, evangelizadora, Tânia de Souza Lopes, responsável pelo Departamento de Assistência Social da Sede Seccional da FEB-Rio, Maria de Lourdes Pereira de Oliveira, diretora do Departamento de Assistência Social da FEB, Márcia Pini, assessora jurídica do Lar Fabiano de Cristo, e Ricardo Silva, assessor jurídico da FEB.

Mais uma vez esse gênero de trabalho, que se estenderá até o fim do corrente ano na Sede Seccional da FEB, no Rio de Janeiro, mostrou-se eficaz no sentido de proporcionar aos adeptos, com responsabilidades na condução do Movimento Espírita, a orientação direta e bem fundamentada, sempre com suporte nas diretrizes doutrinárias, para a solução de problemas que afetam diretamente as atividades das Casas Espíritas nos campos jurídico e administrativo. ■

Aspecto parcial do público no auditório da Sede Seccional na FEB-Rio





Esplorando o **Evangelho**

Pelo Espírito **Emmanuel**

Espiritismo na fé

“E estes sinais seguirão aos que crerem; em meu nome expulsarão os demônios; falarão novas línguas.”

(MARCOS, 16:17.)

Permanecem as manifestações da vida espiritual em todos os fundamentos da Revelação Divina, nos mais variados círculos da fé.

Espiritismo em si, portanto, deixa de ser novidade, dos tempos que correm, para figurar na raiz de todas as escolas religiosas.

Moisés estabelece contato com o plano espiritual no Sinai.

Jesus é visto pelos discípulos, no Tabor, ladeado por mortos ilustres.

O colégio apostólico relaciona-se com o Espírito do Mestre, após a morte dEle, e consolida no mundo o Cristianismo redentor.

Os mártires dos circos abandonam a carne flagelada, contemplando visões sublimes.

Maomé inicia a tarefa religiosa, ouvindo um mensageiro invisível.

Francisco de Assis percebe emissários do Céu que o exortam à renovação da Igreja.

Lutero registra a presença de seres de outro mundo.

Teresa d'Ávila recebe a visita de amigos desencarnados e chega a inspecionar regiões purgatoriais, através do fenômeno mediúnico do desdobramento.

Sinais do reino dos Espíritos seguirão os que crerem, afirma o Cristo. Em todas as instituições da fé, há os que gozam, que aproveitam, que calculam, que criticam, que fiscalizam... Esses são, ainda, candidatos à iluminação definitiva e renovadora. Os que crêem, contudo, e aceitam as determinações de serviço que fluem do Alto, serão seguidos pelas notas reveladoras da imortalidade, onde estiverem. Em nome do Senhor, emitindo vibrações santificantes, expulsarão a treva e a maldade, e serão facilmente conhecidos, entre os homens espantados, porque falarão sempre na linguagem nova do sacrifício e da paz, da renúncia e do amor.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 174, p. 363-364.

Sobre a lógica do conhecimento de **si** mesmo

COSME D. B. MASSI

Você acaba de adquirir uma casa antiga. Seu desejo é reformá-la. Para tanto, contrata um arquiteto que planejará a obra e um engenheiro que a executará, auxiliado por outros profissionais.

Em dado momento, o engenheiro chama um pedreiro para orientá-lo sobre a reforma de uma de suas paredes, estabelecendo com ele o seguinte diálogo:

– Esta parede é constituída, na sua intimidade, de uma madeira de excelente qualidade que precisa ficar à vista. Você deve trabalhar nela.

– O que devo fazer? – pergunta o pedreiro.

– Deve retirar, com cuidado, todas as camadas que a cobrem.

– Como devo fazer?

– Você deve raspar as diversas camadas que cobrem a madeira, utilizando-se da talhadeira, da lixa de madeira e das demais ferramentas apropriadas para a raspagem dos revestimentos de tinta que a cobrem.

Alguns minutos após ter iniciado a tarefa que lhe foi ordenada, o pedreiro volta a falar com o engenheiro, perguntando-lhe:

– É possível fazer? Estou diante de uma grande dificuldade. Descubro agora que esta parede está coberta não apenas com demãos de tinta, mas também com uma grossa capa de concreto armado. Infelizmente não poderei executar a tarefa com as ferramentas que me foram dadas, pois não são adequadas. Pre-

cisarei de outras mais apropriadas para o trabalho.

– É verdade! – responde o engenheiro. Para que você possa executar a tarefa, novas ferramentas deverão ser utilizadas. Pegue lá no depósito a picareta, o marrão, a britadeira e tudo o mais que seja necessário para quebrar a camada de concreto. Se novas dificuldades surgirem, encontre maneiras de resolvê-las. Não desanimemos! O trabalho precisa ser feito.

Mesmo munido de novas ferramentas, disposição e ânimo firme, o pedreiro resolve, antes de voltar ao trabalho, consultar o arquiteto. Passados alguns instantes, chama novamente o engenheiro e indaga-lhe:

– Por que devo fazer? Para que todo este trabalho? A camada de concreto é espessa. O esforço despendido será muito grande e tomará muito tempo.

– Você deve executar a tarefa. É uma ordem. Além do mais, o que queremos é a estrutura interna de madeira, não esta coberta de concreto. Vamos! Mãos à obra. O tempo é curto.

– Você tem mesmo certeza de que devo fazer esta tarefa? Eu acabei de conversar com o arquiteto e ele me disse que esta parede vai



ser derrubada. Ela não mais existirá nesta casa. Não será em vão meu esforço? De que adianta reformar algo que não vai continuar existindo. Não parece isto ilógico?

– Ah! Você tem razão – concluiu o engenheiro. Eu me equivoquei. Não prestei atenção nesse detalhe fundamental. Obrigado! Trabalhem na reforma das outras partes da casa que ficarão de pé.

Esse pequeno diálogo, embora singelo, nos oferece uma metáfora que pode ser útil nas mais diversas situações em que algum método prático é fornecido. Assim, se alguém nos propõe um meio, um procedimento qualquer para se realizar uma tarefa, procuremos, antes de aplicá-lo, responder às quatro questões destacadas em negrito no diálogo acima:

O que fazer? – Isto é, qual é mesmo o método sugerido? É preciso entender bem o que deve ser feito, da forma mais clara e precisa quanto possível. Mas, não basta *saber o que fazer*, é fundamental *saber como fazer*. Para isto, precisamos responder também à pergunta:

Como devo fazer? – Como executar o procedimento proposto? Todas as condições e recursos disponíveis, no contexto da tarefa, devem ser cuidadosamente analisados. As reais condições de aplicação do método precisam ser conhecidas e pondera-

das. Trata-se de colocar a teoria em prática. Todo cuidado é pouco. Muitas vezes é na hora da utilização prática do meio proposto que ganhamos mais clareza sobre ele e compreendemos suas reais limitações. Dificuldades na execução poderão surgir, neste caso a pergunta seguinte precisará ser respondida:

É possível fazer? – A resposta nos permitirá enfrentar os obstáculos de forma mais segura, pois nos dará a conhecer os limites e possibilidades do procedimento proposto. Saber dos limites e das reais condições de aplicação do método pode levar ao conhecimento da diferença entre um método utópico, cujos resultados jamais serão alcançados, e outro verdadeiramente efetivo, que nos conduzirá com sucesso aos objetivos desejados.

Ninguém, em sã consciência, vai aplicar, com segurança e bom ânimo, um método qualquer se não tiver boas razões para fazê-lo. Precisamos de boas razões para os meios a serem empregados, tanto quanto para os fins almejados. Por isso, mesmo tendo respostas satisfatórias para as três questões anteriores, a última pergunta que segue precisará ser respondida.

Por que devo fazer? – Não fazer por fazer. De que adianta, como no diálogo acima, reformar uma parede que será derrubada. Embora nem sempre os fins justifiquem os meios, sempre deveríamos ter boas razões para ambos.

Não se deveria gastar tempo e esforço em vão.

O leitor deve estar se perguntando: “O que tudo isso tem a ver com o tema em epígrafe?”

A resposta é simples. O esquema acima, representado pelas quatro questões em negrito, fornece uma proposta sobre a estrutura lógica da resposta dada por Santo Agostinho à pergunta 919-a, de *O Livro dos Espíritos*.*

Como o leitor já sabe, as perguntas 919 e 919-a tratam do conhecimento de si mesmo:

919. *Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir ao arrastamento do mal?*

“Um sábio da Antigüidade vos disse: *Conhece-te a ti mesmo*.”

919-a. *Compreendemos toda a sabedoria desta máxima, mas a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?*

Na sua resposta a essa pergunta 919-a, Santo Agostinho propõe seu método prático para se alcançar o autoconhecimento. Inicialmente, no primeiro parágrafo, ele aborda as duas primeiras questões destacadas acima: **O que fazer?** e **Como devo fazer?** ▶

*Em todas as citações utilizamos a tradução de Evandro Noleto Bezerra. Edição Comemorativa dos 150 anos de *O Livro dos Espíritos*, publicada pela FEB.

O que fazer? O que devo fazer para alcançar o autoconhecimento? Faça perguntas a si mesmo.

Fazei o que eu fazia quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava em revista o que havia feito e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para se queixar de mim. [...]

Porém, conforme já assinalamos acima, para se colocar em prática a resposta à primeira questão, deve-se responder também à segunda questão **Como devo fazer?** Isto é, como fazer perguntas a mim mesmo? Que tipo de perguntas devo fazer? Muitas perguntas são possíveis. Como selecionar as mais adequadas? Lembremos que o subtítulo sobre o autoconhecimento foi colocado no capítulo sobre a “Perfeição Moral”. O autoconhecimento não é um fim em si mesmo, ele tem por objetivo o aperfeiçoamento moral do ser. Na própria pergunta 919, o objetivo do autoconhecimento é explicitado: *melhorar nesta vida e de resistir ao arrastamento do mal*. As perguntas devem conduzir a essas finalidades.

[...] Aquele que, todas as noites, recordasse todas as ações que praticara durante o dia e perguntasse a si mesmo o bem ou o mal que houvera feito, rogando a Deus e ao seu anjo da guarda que o esclarecessem, adquiriria grande força para se

aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistirá. Portanto, questionai-vos, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo agistes em dada circunstância; se fizestes alguma coisa que censuráveis, se feita por outrem; se praticastes alguma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda isto: Se aprouvesse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada é oculto? Examinai o que podeis ter feito contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas acalmarão a vossa consciência ou indicarão um mal que precise ser curado.

Ao começar a aplicar o método sugerido por Santo Agostinho nos deparamos com um grande obstáculo. Como na metáfora do início deste texto, uma espessa capa de concreto bloqueia nosso mundo íntimo: o auto-engano. Não será fácil atravessá-la.

[...] Mas, direis, como pode alguém julgar-se a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio, que atenua as faltas e as torna desculpáveis? O avarento se considera simplesmente econômico e previdente; o orgulhoso acredita ter apenas dignidade. [...]

O problema do auto-engano, muito bem identificado pelo Es-

pírito, é a maior barreira ao conhecimento de si mesmo. Nosso olhar sobre nós mesmos, pelo menos no que diz respeito à busca de autoconhecimento em sentido amplo, sofre das mesmas limitações que surgem quando o dirigimos ao mundo fora de nós. Nunca temos acesso *imediatamente* a toda a riqueza de nosso mundo interior. O autoconhecimento (e também o conhecimento das coisas fora de nós) é sempre *mediado* por nossa subjetividade. Não temos como sair de nós mesmos e a partir de um ponto externo buscar um saber isento e seguro de nossa vida interior. A objetividade absoluta é impossível. Não se pode impedir que o objeto de minha introspecção, isto é, eu mesmo, sofra a interferência da minha subjetividade. Não é sem razão que o ditado popular afirma: “Ninguém é bom juiz em causa própria”. Trata-se do insolúvel problema da interferência do sujeito no objeto, que vale para toda forma de conhecimento, inclusive a introspecção.

Embora não se possa ter um conhecimento isento e seguro, pode-se amenizar a interferência de nossa subjetividade. No conhecimento do mundo fora de mim, busco contrabalançar a interferência da minha própria subjetividade criando um espaço de interação intersubjetiva, isto é, submetendo o conhecimento à análise crítica e pública da razão.

Algo análogo pode ser praticado no autoconhecimento. Podemos analisar racionalmente nossa

conduta, utilizando-nos das contribuições alheias a nosso respeito. Para aprendermos com mais segurança sobre nós mesmos, devemos prestar atenção nas opiniões dos outros. Muitas vezes, essas opiniões podem ser percebidas sem que nada tenha sido dito: basta observar com atenção as reações e emoções que neles despertamos. Quanto mais isento e sincero for o juízo de alguém sobre nós, melhor poderemos aproveitá-lo. Por isso é muito importante conhecer a opinião de nossos inimigos. Precisamos dos outros, mesmo no autoconhecimento. Mais uma lição da sabedoria divina, consequência da lei de sociedade. Nem mesmo o progresso moral individual dispensa a ajuda, quicá involuntária, dos nossos semelhantes.

Claro que a decisão final sobre o valor da nossa própria conduta será sempre nossa. As contribuições dos outros deverão ser honestamente ponderadas à luz da nossa razão. A interferência da minha subjetividade é inevitável. Daí a importância do *desejo sério de melhorar-se*, de se ouvir a voz da consciência, *guardiã da probidade interior*.

[...] Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, perguntai como a qualificaríeis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais nos outros, ela não poderia ser mais legítima, caso fósseis o seu autor, porque Deus não usa de duas medidas na aplicação

de sua justiça. Procurai também saber o que pensam os outros e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, já que estes não têm nenhum interesse em disfarçar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo. Aquele, pois, que tem o sério desejo de melhorar-se perscrute a sua consciência, a fim de extirpar de si as más tendências, como arranca as ervas daninhas do seu jardim; faça o balanço de sua jornada moral, avaliando, a exemplo do comerciante, seus lucros e perdas, e eu vos garanto que o lucro sobrepujará os prejuízos. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem temor o despertar na outra vida.

Como se vê, a tarefa do autoconhecimento exige esforço e boa vontade. Ela precisa ser constante e permanente. Mas, dirão alguns: "Vale a pena esse esforço?". Se a parede vai deixar de existir, por que reformá-la? De que adianta todo o empenho para romper a barreira árdua e difícil do auto-engano se a vida dura tão pouco?

Não basta, portanto, ter respostas adequadas para as três primeiras questões destacadas na metáfora inicial. É fundamental ter também uma boa resposta para a quarta e última "Por que devo fazer?"

Por que devo realizar essa tarefa espinhosa do autoconhecimento? Deixemos a resposta com Santo Agostinho:

[...] pode-se muito bem consagrar alguns minutos para conquistar a felicidade eterna. Não trabalhai todos os dias com vistas a juntar haveres que vos garantam repouso na velhice? Esse repouso não é o objeto de todos os vossos desejos, o fim que vos faz suportar

fadigas e privações passageiras? Pois bem! que é esse cansaço de alguns dias, perturbação pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá a pena fazer alguns esforços? Sei que muitos dizem que o presente é positivo e o futuro é incerto. Ora, é exatamente esta a idéia que estamos encarregados de destruir em vossas mentes, pois desejamos fazer que compreendais esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida em vossa alma. [...]

Em artigo publicado no *Reformador*, julho de 1997, abordamos a estrutura didática e lógica de *O Livro dos Espíritos*. Nosso propósito, naquele artigo, foi o de fornecer subsídios para uma análise cuidadosa da “Tábua das Matérias”, isto é, do índice de *O Livro dos Espíritos*, com o objetivo de explicitar uma lógica subjacente à ordem e à distribuição metódica das matérias.

Algo análogo fazemos agora quando procuramos mostrar que há uma lógica subjacente à resposta dada por Santo Agostinho à questão 919-a. Esta afirmativa vale para todo o livro. Sua lógica e profundidade jamais serão esgotadas por nós. Teremos sempre o que aprender com ele. E a razão é simples, ele foi escrito pelos Espíritos mais evoluídos que já viveram entre nós. Neste ano em que comemoramos o Sesquicentenário deste livro notável, saibamos valorizá-lo estudando-o com dedicação e apreço. ■

Ante o Sesquicentenário

Inaldo Lacerda Lima

Irmãos! Todo o planeta, alegre, comemora da doutrina da Luz o sesquicentenário! É do Cristo a vitória e splende num cenário de Esperança e de Paz, em refulgente aurora!

Já há algum tempo o clarim da regeneração ecoa lá do Espaço, acalentando o mundo: – “A Terra deixará de ser abismo fundo de dor para ser Luz do Evangelho, em ação!

Espíritas, vibra! Sede a voz da Esperança no Cristo que nos quer *Obreiros do Senhor*! Trabalhem com afinco e expressivo fervor para que a sua obra acabe sem tardança!

Integrados no Bem, trabalhem, ditosos, por um mundo feliz sem ódios, sem maldade, alertando com Amor a toda a Humanidade que os que no Cristo estão são sempre venturosos!

São chegados, enfim, os tempos anunciados. Nossas vozes, portanto, às vozes do Universo unamos com alegria; e expondo em cada verso certeza que por Deus estamos esperados!

Almas ternas e irmãs! Diz-nos Jesus, cantando, que abrigar-nos, no Céu, deseja com alegria! E apresentar-nos quer ao Pai, no eterno dia, nos amando, a sorrir, e nos abençoando!

Neste século e meio expresso todo em Luz, sintamo-nos, irmãos, para sempre felizes. Com as mentes a limpar de amargas cicatrizes, Sintamos-nos em Paz ao lado de Jesus!

Brasília, 21 de novembro de 2006

Considerações sobre o Progresso do Espiritismo

Foi dada a primeira palavra...

MARCELO FIRMINO DIAS*

Quase sempre, faz-se referência ao aspecto progressista da Doutrina Espírita, referenciando o Codificador e a Codificação, a partir da expressão *foi dada a primeira palavra...* Porém, com algumas alterações na frase, embora preservando esta idéia, a qual sinaliza que o Espiritismo terá seu lugar no futuro, uma vez que seus ensinamentos decorrem da Lei Natural, pelas revelações dos Espíritos, pela busca científica dos homens, na elaboração da Doutrina Espírita e na organização do Movimento Espírita.

Há diversas passagens na Codificação onde essa idéia pode ser encontrada, das quais separamos algumas para ilustrar a temática deste artigo.

Em *O Livro dos Médiuns*, Kardec observa: “[...] Importa se não esqueça que nos achamos nos primórdios da ciência e que ela está longe de haver dito a última palavra sobre esse ponto, como sobre muitos outros. [...]”. (Cap. VII, item 124.)

Mas, é em *A Gênese*, capítulo I, item 55, que Allan Kardec conclui com verdadeira ênfase a condição

progressista da Doutrina Espírita: “Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. [...]”

[...] Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. *Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.*¹

¹Diante de declarações tão nítidas e tão categóricas, quais as que se contêm neste capítulo, caem por terra todas as alegações de tendências ao absolutismo e à autocracia dos princípios, bem como todas as falsas assimilações que algumas pessoas prevenidas ou mal informadas emprestam à doutrina. Não são novas, aliás, estas declarações; temo-las repetido muitíssimas vezes nos nossos escritos, para que nenhuma dúvida persista a tal respeito.

Elas, ao demais, assinalam o verdadeiro papel que nos cabe, único que ambicionamos: o de mero trabalhador”.

Sendo o Espiritismo de origem divina, isto é, tendo sido os Espíritos os que o revelaram à Humanidade terrena, por diversos médiuns e em diversos locais do globo, pergunta-se: onde a iniciativa dos homens? Onde o livre-arbítrio? Ainda em *A Gênese*, cap. I, item 13, Kardec nos informa: “[...] enfim, porque a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem”.

Ora, como submeter à razão e ao livre-arbítrio todos os conhecimentos gerados pelos Espíritos e pelos homens, tanto na análise des-



ses últimos sobre as comunicações dos Espíritos, quanto das descobertas científicas, e poder reconhecer o que de fato é progresso do Espiritismo e o que é mero equívoco e/ou pura enganação humana ou dos Espíritos?

Em relação à análise dos conhecimentos revelados pelos Espíritos, não há melhor recomendação do que a do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, onde os homens de bom senso e estudiosos poderão encontrar referência segura para seus estudos.

Em relação à análise da literatura humana, bem como das conclusões científicas, recomendamos que se aplique um critério semelhante ao do Controle Universal do Ensino dos Espíritos a toda produção científica e literária humana, evitando assim cair nas armadilhas das impressões parciais de pessoas ou grupos, mesmo científicos, e buscando o que se reconhece como verdades práticas e universalmente aceitas. Não é raro ocorrer revisões

em publicações científicas, dando conta de erros ou fraudes em pesquisas científicas.

Isto não invalida a elaboração de hipóteses, antes as coloca no estado geral de observação, até que se comprove sua legitimidade.

O *Controle Universal do Ensino dos Espíritos* é abordado no item II de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, onde o insigne Codificador Allan Kardec, na “Introdução” daquela primorosa obra, faz importante explanação sobre o mesmo.

Lendo o texto de Kardec, verifica-se que ele o tomava inicialmente (o Controle Universal do Ensino dos Espíritos) como um mecanismo universal de coesão dos princípios espíritas e de propagação do ensino dos Espíritos, como se pode ver: “Nessa universalidade do ensino dos Espíritos reside a força do Espiritismo e, também, a causa de sua tão rápida propagação. Enquanto a palavra de um só homem, mesmo com o concurso da imprensa, levaria séculos para chegar ao conhecimento de todos, milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os recantos do planeta, proclamando os mesmos princípios e transmitindo-os aos mais ignorantes, como aos mais doutos, a fim de que não haja desperdícios. É uma vantagem de que não gozara ainda nenhuma das doutrinas surgidas até hoje. [...]”.

E, em seguida, acrescenta a segunda finalidade, referindo-se ao engano cometido por qualquer Espírito: “[...] Ela lhe faculta inatacável garantia contra todos os cismas

que pudessem provir, seja da ambição de alguns, seja das contradições de certos Espíritos [...]”.

E completa Kardec, concluindo sobre como discernir em relação ao que ensinam os Espíritos: “A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, a melhor comprovação. [...]”

Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.

Vê-se bem que não se trata aqui das comunicações referentes a interesses secundários, mas do que respeita aos princípios mesmos da doutrina. Prova a experiência que, quando um princípio novo tem de ser enunciado, isso se dá *espontaneamente* em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, senão quanto à forma, quanto ao fundo”. (Op. cit., item II.)

Outro ponto importante, na análise do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, diz respeito à possibilidade que se tenha de obter informações de diferentes locais, médiuns e Espíritos, como demonstrado acima e referenciado por Kardec em outro parágrafo: “Na posição em que nos encontramos, a receber comunicações de perto de mil centros espíritas sérios, disseminados pelos mais diversos pontos da Terra, achamo-nos em condições de observar sobre que princípio se estabelece a

concordância. Essa observação é que nos tem guiado até hoje e é a que nos guiará em novos campos que o Espiritismo terá de explorar. [...]” (Op. cit., item II.)

Para muitas pessoas isto pode parecer uma posição inalcançável, pois, perguntar-se-ia: quem e, principalmente, quantos médiuns enviariam suas comunicações a mim? Que referencial estabeleci no Movimento Espírita para que isto ocorresse? Grande engano, pois o mercado editorial espírita proporcionou essa privilegiada posição de análise para todos os que desejem fazê-la, bastando para isso que se leiam as obras disponíveis, que se tenha o conhecimento e o discernimento necessários para tal, ou fazê-lo em conjunto com outros, o que seria mais recomendado.

Tamanha a importância do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, que Kardec arrematou: “Essa verificação universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade. O que deu lugar ao êxito da doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* foi que em toda a parte todos receberam diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm. Se de todos os lados tivessem vindo os Espíritos contradizê-la, já de há muito haveriam aquelas obras experimentado a sorte de todas as concepções fantásticas. Nem mes-

mo o apoio da imprensa as salvaria do naufrágio, ao passo que, privadas como se viram desse apoio, não deixaram elas de abrir caminho e de avançar celeremente. É que tiveram o dos Espíritos, cuja boa vontade não só compen-sou, como também sobrepujou o malquerer dos homens. [...]” (Op. cit., item II.)

E complementa, com imparcialidade, o Codificador: “Os princípios acima não resultam de uma teoria pessoal: são consequência forçada das condições em que os Espíritos se manifestam. É evidente que, se um Espírito diz uma coisa de um lado, enquanto milhões de outros dizem o contrário algures, a presunção de verdade não pode estar com aquele que é o único ou quase o único de tal parecer. [...]”

A opinião universal, eis o juiz supremo, o que se pronuncia em última instância. Formam-na todas as opiniões individuais. Se uma destas é verdadeira, apenas tem na balança o seu peso relativo. Se é falsa, não pode prevalecer sobre todas as demais. Nesse imenso concurso, as individualidades se apagam, o que constitui novo insucesso para o orgulho humano. [...]” (Op. cit., item II.)

Essas reflexões nos parecem roteiro seguro ao equilíbrio entre o crescimento do Movimento Espírita e as iniciativas que os dois planos elaboram, na progressão da Doutrina Espírita, junto aos corações humanos. ■

*Marcelo Firmino Dias é presidente da Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (Abrade).

Movimento Espírita de São Paulo comemora os 150 anos do Espiritismo

No dia 21 de abril, das 8 às 18 horas, grande evento em comemoração dos 150 anos do Espiritismo tem como co-patrocinadores a União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE), a Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), a Aliança Espírita Evangélica, a Fundação Espírita André Luiz, as Associações Médico-Espíritas de São Paulo e do Brasil (AME), a Associação de Editoras, Distribuidoras e Divulgadores do Livro Espírita (Adeler), a União Fraternal – Setor III e o Centro Espírita Bezerra de Menezes (Santo André). O evento ocorre no Centro de Exposições Imigrantes, km 1,5 na Rodovia dos Imigrantes, em São Paulo, e conta com palestras de Divaldo Pereira Franco, José Raul Teixeira, além de mais de uma dezena de expositores, números musicais, exposições, livreria e sessões de autógrafos, e com apresentação de filmes ligados à temática espírita.

O Reino de Deus está dentro de nós

DÉCIO IANDOLI JR.

J á há algum tempo que a neurofisiologia tem-nos mostrado como a percepção do que chamamos “realidade” não passa de uma interpretação feita pelo nosso cérebro a partir dos estímulos recebidos do meio que nos cerca.

Todas as nossas percepções vêm da despolarização da membrana de neurônios modificados que chamamos de receptores neurais. São exatamente estas estruturas que nos fazem perceber a luz, o som, os sabores, os odores, além

de tudo o que faz contato direto com o nosso corpo, as chamadas sensações somestésicas.

Ocorre que, seja lá qual for o receptor estimulado, e existem muitos tipos, o produto final é sempre o mesmo: ondas eletroquímicas que se propagam de neurônio a neurônio até chegarem ao cérebro para, então, serem “interpretadas”, isto é, o nosso cérebro vai construir a informação, ou melhor – diríamos –, uma “realidade”, a partir destes impulsos eletroquímicos chamados de “potenciais de ação”.

Somente esta verdade fisiológica já é suficiente para gerarmos um caos completo em nosso conceito de realidade, conceito esse que norteia todas as nossas referências, já que, a partir dela, notamos que tudo o que vemos, ouvimos, degustamos, cheiramos ou sentimos em nosso corpo como tato, temperatura ou propriocepção, existe, de fato, apenas nos nossos cérebros, e não

como “realidade” da maneira como acreditávamos anteriormente.

Novas tecnologias em exames de imagem, como a tomografia por emissão de fótons (SPECT), têm-nos permitido confirmar que, para o nosso cérebro, não existe nenhuma diferença entre o que experimentamos através dos nossos receptores, e o que experimentamos através das nossas lembranças, já que comer uma maçã ou apenas lembrar-se de comê-la ativa os mesmos neurônios, o que vem corroborar, ainda mais, com a nossa primeira conclusão, qual seja, o ambiente físico, que sempre tomamos como sendo a mais sólida realidade, aquela que norteia a razão humana, não passa de uma grande ilusão criada pelas células do nosso tecido nervoso a partir de interferências do meio ambiente.

Um importante trabalho foi publicado em 2001* pelos douto-

*NEWBERG, A.; ALAVI, A.; BAIME, M.; POURDEHNAD, M.; SANTANNA, J.; D'AQUILI, E. – *The measurement of regional cerebral blood flow during the complex cognitive task of meditation: a preliminary SPECT study*. Psychiatry Res.; v. 106(2): p. 113-22, apr. 2001.

res Andrew Newberg e Eugene d'Aquili, em que a tecnologia de neuroimagem funcional, referida acima, foi utilizada para estudar os cérebros de monges tibetanos em estado de meditação profunda, assim como de freiras franciscanas em prece contemplativa. A análise das imagens mostrou que a experiência "mística" é tão ou mais real, para o cérebro, do que as percepções sensoriais, pois a ativação cortical é plena e direta, sem que ocorram as "interpretações" das áreas mais primitivas do nosso encéfalo. Poderíamos dizer, a partir desta pesquisa, que o contato com Deus, através das nossas práticas religiosas mais legítimas como a prece sincera ou a busca de uma transcendência espiritual, é uma experiência real que não depende de um arranjo específico dos circuitos formados por nossos neurônios.

Outras recentes conclusões da Física têm ajudado, também, a virar de cabeça para baixo nossas profundas convicções acerca do cotidiano mais banal de nossas vidas como, por exemplo, o fato de a matéria ter muito mais espaços vazios do que partículas, ou, que possa existir mais de uma realidade ocorrendo ao mesmo tempo, que o tempo é relativo, ou ainda, que um elétron seja capaz de mudar seu comportamento, apenas porque está sendo observado.

A essa altura poderíamos afirmar que não temos mais pontos de partida para determinar algo que nos pareça seguramente real?

Muito mais antiga do que qual-

quer uma destas referências científicas é o próprio Evangelho, onde Jesus já nos advertia que: "O reino de Deus está dentro de nós", ou ainda, nos ensinamentos dados pela Doutrina Espírita, asseverando que o mundo material não passa de uma grande ilusão, e que o mundo real é o mundo espiritual, ou seja, o reino de Deus já anunciado pelo Mestre Jesus.

Onde devemos procurar a realidade senão dentro de nós?

Como alcançar algum grau de sanidade se não evitarmos a contaminação dos estímulos que bombardeiam nosso cérebro com potenciais de ação que nos iludem e que acabam por nos afastar da realidade do Espírito?

Cremos haver chegado ao ponto que nos permite afirmar, cientificamente, que o mundo material é o mundo das ilusões transitórias enquanto o mundo real é aquele que existe em nossa alma, e que está dentro de nós.

Deus é real do ponto de vista neurofisiológico, enquanto que tudo aquilo que nos parecia tão sólido e palpável é, na verdade, o que poderíamos chamar de imaginativo e efêmero, numa inversão total dos conceitos até então aceitos. Assim, podemos dizer que a grande revelação trazida pelo Cristo, cuja instalação em nossa civilização ainda está em curso, é que: "O reino de Deus está dentro de nós", conceito revolucionário posto que tem um enorme potencial de transformação de cada um, e em todos nós ao mesmo tempo.

O Espiritismo derruba as barreiras entre Ciência e Religião e abre caminho para a interpretação das pesquisas científicas, porque mostra o sentido que as leis naturais dão à vida; e o faz, porque conhece e revela estas leis, que nada mais são do que as leis divinas que regem o Universo. Interagindo conhecimentos científicos, moral cristã e filosofia de vida, ele se coloca como autêntico marco da passagem de eras. Sendo assim, só mesmo a Doutrina codificada por Kardec pode nos conduzir nessa difícil hora, dando-nos subsídios para transformar o planeta, a fim de que ele possa galgar um novo patamar de evolução.

Que vejam os que têm olhos de ver. ■





Homenagens

RICHARD SIMONETTI

Numa terça-feira de maio de 1855, às 20 horas, o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail compareceu à residência da senhora Plainemaison, à rua Grange-Batelière, 18, em Paris, para participar, pela primeira vez, de uma reunião com as mesas girantes, que faziam sucesso na Cidade Luz.

No dia 18 de abril de 1857, com o pseudônimo de Allan Kardec, o professor publicava *O Livro dos Espíritos*, a obra fundamental da Doutrina Espírita, que está completando cento e cinquenta anos.

Você já parou para pensar no assunto, leitor amigo?

Em menos de dois anos, o Codificador:

- Iniciou-se no intercâmbio com o Além.
- Constatou a realidade da vida além-túmulo e da manifestação dos Espíritos.
- Propôs milhares de indagações aos Mentores espirituais que o assistiam.
- Selecionou respostas, colocou-as em ordem e deu cor-

po de doutrina a idéias que, isoladamente, arranhavam a realidade, mas, em conjunto, consubstanciavam autêntica revelação.

- Evidenciou a anterioridade e continuidade da vida física, dando sentido e objetivo à existência humana.

Extremamente cuidadoso, utilizou vários médiuns, submetendo-os a indagações idênticas sobre questões espirituais e cotejando as respostas, no que denominava *Controle Universal das Manifestações*, a ver se exprimiam a realidade ou apenas a opinião de um Espírito ou médium.

Isso tudo sem um computador, sem Internet, sem Google... Não dispunha nem mesmo de máquina de escrever.

Foi tudo compilado, desenvolvido, organizado, de forma manuscrita, em longas horas de estudo e reflexão, que se estendiam madrugada adentro.

Depois a composição tipográfica, as revisões cuidadosas, os acertos, tudo *na unha*.

Tão grandiosa quanto a própria Codificação foi a ação do Codificador.

Muito justas, portanto, as homenagens que lhe rendemos nas comemorações do Sesquicentenário de nossa obra maior.

•

Parece-me, todavia, amigo leitor, que deveríamos ir um pouco além: não apenas admiradores, mas amigos de Kardec.

Que tipo de homenagem mais o agradaria?

Lembro algumas observações de Jesus aos discípulos, na última ceia (João, 15:12 e 14):

Vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando.

E o que esperava Jesus dos discípulos?

O meu mandamento é este: amai-vos uns aos outros como eu vos amei.

Que se amassem, portanto, fazendo uns pelos outros todo o bem que desejariam receber.

Missionário do Cristo que veio alargar os horizontes humanos, em relação aos objetivos da existência, Kardec aponta nessa mesma direção.

Não obstante, é interessante

que, a par desse empenho, ofereçamos ao Codificador outra homenagem – a divulgação de sua mensagem.

Especificamente, em face das comemorações deste ano, deve merecer nossa atenção *O Livro dos Espíritos*.

Muito pode ser feito nesse particular. Algumas sugestões:

- Elegê-lo como objeto de presente para amigos, familiares, colegas de serviço. Nas festas de fim de ano, o indefectível amigo secreto é oportunidade preciosa.
- Doação a pessoas sem recursos.
- Brinde aos associados do clube do livro espírita.
- Palestras comemorativas, enfocando os temas abordados por Kardec, estimulando os ouvintes sedentos de saber a procurar a fonte.

- Campanhas do tipo *Um exemplar de “O Livro dos Espíritos” em cada mão*, com vendas a preço de custo.

- Distribuição de folhetos com trechos sucintos do livro, como incentivo à leitura.

- Utilização dos meios de comunicação, jornais, rádio, televisão, enfatizando que em *O Livro dos Espíritos* estão as respostas às nossas indagações e angústias existenciais.

É aquele *dar-se as mãos* para distribuir *O Livro dos Espíritos* a mão cheia, como diria Castro Alves.

Uma palavrinha final, leitor amigo:

•



Em *O Livro dos Espíritos* está o substrato da sabedoria humana, que nos permite ensaiar um comportamento melhor, uma visão mais ampla de nossas necessidades, uma participação mais ativa pela construção de um mundo melhor.

Vivenciá-lo plenamente é desafio para séculos de esforço e dedicação.

Divulgá-lo não exige tanto assim. Apenas um pouco de boa vontade. ■

Correios lançam novo selo sobre Espiritismo

Os Correios lançam um Selo Personalizado, em homenagem aos 150 anos da publicação de *O Livro dos Espíritos*. O evento de lançamento do Selo e do Carimbo Obliterativo ocorre durante a abertura do 2º Congresso Espírita Brasileiro, no dia 13 de abril, nas dependências do Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília.



Novo selo lançado pelos Correios em homenagem aos 150 anos da publicação de *O Livro dos Espíritos*

Trata-se do quinto selo oficial em homenagem a Kardec lançado pelos Correios por solicitação da FEB. Os demais foram emitidos por ocasião dos Centenários de *O Livro dos Espíritos* (1957), de *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1964), da desencarnação do Codificador (1969), e do Bicentenário de seu nascimento (2004).



A FEB e o Esperanto

O Esperanto e O Livro dos Espíritos

AFFONSO SOARES

Quando o primeiro livro da Codificação Espírita foi dado a público pela ação missionária de Allan Kardec, um outro mensageiro do Cristo ainda se preparava para descer à Terra em missão absolutamente harmônica com a grande renovação de que *O Livro dos Espíritos* seria portador. Com efeito, em 1857, quando as luzes do Consolador Prometido, pelo surgimento do primeiro veículo de suas revelações, inauguram uma nova era de progresso na Terra, as Potências Diretoras dos destinos da Humanidade decidiam-se por enviar ao mundo um dos mais categorizados gênios consagrados à Fraternidade, confiando-lhe a bela missão de aproximar os povos sobre as bases de um fundamento lingüístico neutro.

Reencarnava na pequena cidade polonesa de Bialystok, em 1859, aquele que viria a ser o iniciador da Língua Internacional Neutra *Esperanto*, a mais alta expressão da evolução lingüística no mundo, poderoso instrumento de comunicação diante do qual renitentes barreiras de preconceitos entre os povos deveriam abalar-se e gradualmente ruir, por constituir-se tal instrumento, juntamente com sua

ideologia de justiça e fraternidade, em sólida ponte entre culturas, raças, religiões, sobre a qual se estabeleceriam salutareos intercâmbios sob a inspiração de positiva neutralidade geradora do respeito recíproco entre diferenças de qualquer natureza.

Por dar cabal cumprimento a programa de tão vasto alcance, tem-se posicionado, portanto, a

Língua Internacional Neutra como poderoso auxiliar das Inteligências que, sob a orientação do Divino Mestre, lançam os alicerces das construções do futuro, imprimindo-lhes a chancela da *unificação*.

Está efetivamente o esperanto em perfeita sintonia com o programa de renovação geral lançado pelos Espíritos Superiores em *O Livro dos Espíritos*, especialmente no que diz respeito às leis morais e especificamente com aquela que aponta o progresso como diretriz inexorável na marcha de indivíduos e povos, fadados a realizar a unificação em todos os campos em que se manifestam sua inteligência e seu

sentimento. Além disso, serve, tem servido e

muito servirá o esperanto à divulgação mais ampla dos princípios espíritas no seio de uma coletividade genuinamente internacional e essencialmente idealista, de cujos esforços vão surgindo versões excelentes de obras doutrinárias em línguas nacionais



baseadas em suas traduções para a Língua Internacional Neutra.

Finalizaremos nossa matéria com a transcrição parcial de significativo trecho da mensagem que o Espírito Abel Gomes ditou, em 1948, a Chico Xavier, trecho que bem evidencia a estreita ligação entre os três grandes Ideais – Evangelho, Espiritismo, Esperanto – na visão dos trabalhadores do mundo espiritual:

A nossa senha aos companheiros ainda não sofreu alteração. Evangelho, Esperanto e Espiritismo constituem para nós outros, agora, uma trilogia bendita de trabalho para diversas encarnações. [...]

Com o Evangelho acenderemos nova luz na consciência coletiva, cooperando na missão redentora de que o Brasil se acha investido na revivescência do Cristianismo restaurado; com o Esperanto, abrimos novo caminho de fraternidade real entre almas e povos, para que o pensamento cristão consolide as suas diretrizes salvadoras nos mais variados setores do mundo, preparando o futuro milênio em bases mais justas de compreensão e solidariedade efetivas; e com o Espiritismo

descerraremos novos horizontes à visão geral para que entendimento sadio prevaleça na mentalidade terrestre, em todas as fases evolutivas, inclinando as criaturas à dignidade humana e ao conhecimento substancial da justiça que determina seja concedido a cada um de acordo com as suas obras.

Segundo observamos, o programa é vastíssimo e requisita não somente entusiasmos do neófito, mas a coragem e a abnegação do apóstolo. (Destaques nossos.)*

A comemoração do Sesquicentenário da publicação de *O Livro dos Espíritos* ensejou a que a Casa de Ismael desse a público uma edição especial de sua versão na Língua Internacional Neutra. Está, portanto, mais uma vez disponível, agora em 3ª edição, o *La Libro de la Spiritoj*, útil não somente do ponto de vista doutrinário, mas também lingüístico, uma vez que responde por sua tradução o erudito esperantista-espírita Prof. Dr. Luís da Costa Porto Carreiro Neto. ■

*Reformador, novembro de 1948, “A preparação do porvir”. p. 20(264)-21(265).

Sombra e luz

Vem a noite, volta o dia,
Cresce o broto, nasce a flor,
Vai a dor, surge a alegria
Dourando a manhã do Amor.

Assim, depois da amargura
Que a vida terrena traz,
A alma encontra na Altura
A luz, a ventura e a paz.

Ombro kaj lumo

Post la nokto tago venas,
post burĝon' naskiĝas flor';
ĝoj' kaj amo se nin benas,
la doloro fuĝas for.

Tiel post la amaraĵoj
de la vivo sur la ter',
al l'anim' en la altaĵoj
venas lumo, pac', prosper'.

Casimiro Cunha

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Parnaso de além-túmulo*. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. p. 204. Edição Comemorativa – 70 anos.

Tradução para o esperanto de Francisco Valdomiro Lorenz em *Voĉoj de poetoj el la spirita mondo*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987. p. 135.

Procura-se Allan Kardec

CARLOS ABRANCHES

Correm os dias tumultuosos da atualidade. Fatos de toda ordem abalam as estruturas da sociedade.

De um lado, as transformações físicas do planeta forçam as populações a se reajustar em grupo, em função de tsunamis e agitos vulcânicos, tempestades intensas e secas prolongadas.

Por outro, acessos de violência individual e coletiva chocam pelo absurdo dos abusos, em que tirar a vida de pessoas virou gesto de rápida e fácil execução, além de crimes silenciosos, praticados às custas do silêncio das vítimas e do descaso de autoridades formais.

Em meio ao caos e à desordem, nós, seres do presente, com a consciência focada no futuro de nosso tempo, voltamos os olhos para os 150 anos que nos separam do primeiro dia da Codificação Espírita, a fim de lembrar a figura do Codificador.

O espírita é assim. Pés firmes no chão da realidade e emoções focadas na transformação de seu tempo, sob o ponto de vista da realidade espiritual. Assim, ele vai ao passado quando é necessário,

sempre com o desejo de aprender um tanto mais.

Nosso viajante do tempo está, desta forma, lá no começo de tudo, em abril de 1857, sentindo os desafios que o mestre de Lyon enfrentaria pelos próximos doze anos. Vê os primeiros embates com os céticos da racionalidade, as primeiras adesões ao Movimento, a intensa atividade junto aos grupos mediúnicos, a fim de receber e analisar as comunicações que chegam do mais além.

Ele entra na singela residência da família Rivail e vai até o pequeno escritório onde fica a escrivaninha, sobre a qual o professor deixa os registros das pesquisas acerca da revelação trazida pelos Espíritos.

Pelas ruas de Paris, ouve os ecos da grande novidade. Jornais e publicações religiosas sentem o impacto do advento do mundo espiritual e reagem com fervor, acusando, denegrindo, desprezando ou simplesmente anunciando que algo diferente começa a se agitar nos salões da aristocracia francesa.

Acompanha a multiplicação das cartas que lotam a caixa postal do pesquisador. Correspondências do mundo todo chegam a Kardec para colaborar com a Nova Reve-

lação, indicando que o tempo é sempre presente no mundo dos fenômenos espíritas. Em todo lugar, de dia ou de noite, os relatos se confirmam, evidenciando que os Espíritos definitivamente haviam chegado para estabelecer os fundamentos superiores da relação entre os dois mundos.

Mais adiante, sente o nascimento da tarefa missionária dos colaboradores de Kardec. León Denis apaixonou-se, ainda menino, pelos ideais espíritas. Camille Flammarion, já amadurecido nas pesquisas sobre Astronomia, oferece sua contribuição valiosa para o arcabouço filosófico e científico do corpo doutrinário. Gabriel Delanne, nascido apenas 25 dias antes do lançamento da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, herda a profunda amizade de seu pai com Kardec para encantar-se com as questões pertinentes à evolução anímica e outros assuntos.

O tempo volta seus impulsos para o presente. Foi bom ter visitado a intimidade do Codificador. Agora é possível saber o que ele passou,

para que tudo seguisse conforme o planejado pelo coordenador da tarefa, o Espírito Verdade.

Uma outra pergunta faz-se importante. Ela é feita por quem quer encontrar Kardec nos tempos de agora.

Por onde anda o mestre francês, base segura da Doutrina que trouxe Jesus de volta ao coração da Humanidade em sua pureza e simplicidade originais?

Em busca da resposta, o viajante caminha um pouco e vê um grupo de jovens da mocidade de uma Casa Espírita entrando em um lar de idosos. Era dia de visita fraterna, marcada e planejada com antecedência durante as reuniões da equipe.

No estudo preparatório, eles se lembraram que um dia o Codificador destacou a primazia do *trabalho* como caminho seguro e eficaz para se chegar à paz de consciência e à evolução espiritual.

Durante a visita fraterna, lá estava o digno professor lionês, vibrante em cada abraço, em cada alegria sincera-

mente sentida, em cada olhar afetuosamente dirigido aos idosos pelos trabalhadores do bem.

Interessado em identificar onde mais poderia estar o Codificador, o viajante encontra agora um jovem estudioso lanchando em um *shopping* da cidade grande. Aproxima-se dele uma mulher transtornada. Senta-se, sem ser convidada. Atento a quem chega, ele a observa, tomado de surpresa.

Ela revela os olhos aflitos. Extremamente ansiosa, lhe diz:

– Preciso dizer a alguém que vou fazer um aborto.

Sinceramente tocado pelo que acaba de ouvir, mas seguro do que estudou nas páginas da Codificação, o rapaz lhe diz:

– Antes de mais nada, obrigado por ter chegado à minha mesa. Quanto ao que me disse, posso, ao menos, tentar convencê-la a repensar essa decisão que acaba de me anunciar?

Quase chorando, a jovem não diz nada, mas aguarda ansiosa-

mente as palavras daquele a quem nunca vira antes.

– Se der uma chance à vida que estua dentro de você, muito em breve essa mesma vida pode devolver-lhe maravilhosos momentos de reconforto em forma de apoio, carinho e amor incomensuráveis.

– Não sei se sou alguém forte para merecer isso. O pai dessa criança não quer saber de assumi-la.

– Eu posso garantir que se você tiver esse bebê, eu e meu grupo de amigos vamos fazer de tudo para lhe propiciar atenção e uma vida digna de mãe responsável. Quanto ao pai ausente, deixe que a própria vida se incumba de cobrar dele as devidas responsabilidades.

A jovem, sem saber porque exatamente sentara àquela mesa, junto de um desconhecido, acrescenta o que realmente a levava até ali.

– Se eu tiver esse bebê, ao menos vou ser amada?

O rapaz percebeu, finalmente, que o que ela queria era um minuto de reconhecimento. Que alguém a valorizasse. Que alguém a aceitasse e acreditasse nela. E sen-



tiu também que a moça fora praticamente induzida por Benfeitores espirituais a sentar-se ali, porque ele estava em sintonia com o desejo de colaborar com o bem e tinha conhecimento suficiente para oferecer a quem precisasse.

– Sim. Você é filha de Deus, e como tal, é merecedora de todo nosso afeto.

O viajante sentiu que a atitude daquele moço o ajudava a encontrar Kardec vivo nas entrelinhas das palavras, nas filigranas sutis do sentimento de *solidariedade*, nos alicerces da empatia vivenciada pelo jovem, atento aos ensinamentos vindos da base doutrinária.

Apenas para confirmar que era possível encontrar Kardec, pelas ruas e lares do presente, o curioso viajante entrou em uma repartição e ali notou um grupo de colegas de trabalho.

Era hora da reunião informal. O assunto que rapidamente tomou forma foram as diferenças de concepção religiosa de alguns integrantes da equipe.

Enquanto alguns defendiam de forma incisiva seus pontos de vista, outros aproveitavam para atizar algumas diferenças de humor que tinham com uma jovem funcionária, de opção declarada pelo Espiritismo.

Ouvindo tudo atentamente, ela, profunda estudiosa das obras básicas da Doutrina, lembrou que Kardec usava a virtude da *tolerância* como um dos valores mais elevados na convivência com quem

pensava de forma diferente em algum aspecto conceitual.

Amiga da prece, ela envolveu-se em suaves vibrações, propiciadas pela mudança de sintonia mental e saiu da faixa do conflito, expressando, quando lhe foi solicitada, sua opinião sem acirrar os atritos esperados pelos outros contendores.

O observador atento percebeu que Kardec estava ali, sendo intensamente praticado por quem decidiu ter a Doutrina como roteiro de atitude diante da vida imediata, sem que fosse preciso abrir mão das convicções a respeito da Espiritualidade.

Mais do que satisfeito com as observações realizadas, recolheu-se para descansar, não sem antes orar e pedir a Jesus que um dia pudesse encontrar Kardec também na harmonia segura e inquebrantável do Movimento conduzido por *todos* os espíritas.

Aí, sim, se sentiria plenamente realizado, porque veria Kardec nos sentimentos, nos pensamentos e nos gestos daqueles que declarando-se espíritas, efetivamente vivem, sentem e se conduzem intimamente como tais. ■

Lendo Kardec

[...] *Oh! meus amigos, que belo espetáculo sobre a Terra o de ver tremular os estandartes do Espiritismo!*

Espírito de Costeau

Mário Frigéri

Eu leio a ti como o rabino antigo
Lia Moisés, tendo a face velada.
Ah! que esplendor de luzes nessa estrada!
Quanto conforto para um peito amigo!

Na *Obra-Máter* partes o jazigo,
Mostrando além a alma iluminada.
Depois navego na via estrelada
Desse *Evangelho* que nasceu contigo.

Médiuns é livro de instrução segura;
Gênese enfoca o vagir do Universo;
O Céu e o Inferno liberta a criatura.

Há em toda a Obra um palpar divino
Que só percebe quem está nela imerso
E a lê com unção, como aquele rabino.

Epígrafe: KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. 55. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 231.

Homenagem de Emmanuel à Codificação

ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO

No primeiro encontro do jovem Francisco Cândido Xavier com o Espírito Emmanuel, nos arredores da cidade de Pedro Leopoldo (MG), no final do ano de 1931, este Orientador espiritual testou a disposição do médium para o trabalho na “mediunidade com o Evangelho de Jesus”, deixando-lhe claro que para cumprir o compromisso deveria atender a três pontos básicos, enumerando-os um por um a cada pergunta do interlocutor: “Disciplina, disciplina, disciplina”, recomendando ainda que fosse “sempre fiel a Jesus e a Kardec”.¹

Anteriormente ao trabalho com o médium brasileiro é oportuno lembrarmos que Emmanuel assinou uma dissertação em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, intitulada “O egoísmo”.²

As múltiplas produções psicográficas de Francisco Cândido Xavier durante sete profícuas décadas foram elaboradas sob a firme orientação desse Espírito que, como autor, assinou romances históricos marcantes e inspiradas dissertações, notabilizando-se como exegeta do Novo Testamento à luz da Doutrina Espírita.

Em seus livros, há sempre refe-

rência à Codificação Kardequiana. Mas houve um fato marcante, por ocasião do momento histórico assinalado pelo Centenário de publicação das Obras Básicas.

Ao apresentar a obra *Religião dos Espíritos* Emmanuel anota: “Simple comentário em torno da substância religiosa de *O Livro dos Espíritos*, em cujo texto fixou Allan Kardec a definição da Nova Luz” e se refere ao livro inicial da Codificação “[...] como primeiro marco da Religião dos Espíritos, em bases de sabedoria e amor, a refletir o Evangelho, sob a inspiração de Nosso Senhor Jesus Cristo”.³

Com esse livro de estudos sobre questões da obra inaugural da Doutrina Espírita, Emmanuel inicia homenagem ao Centenário de publicação das Obras Kardequianas.

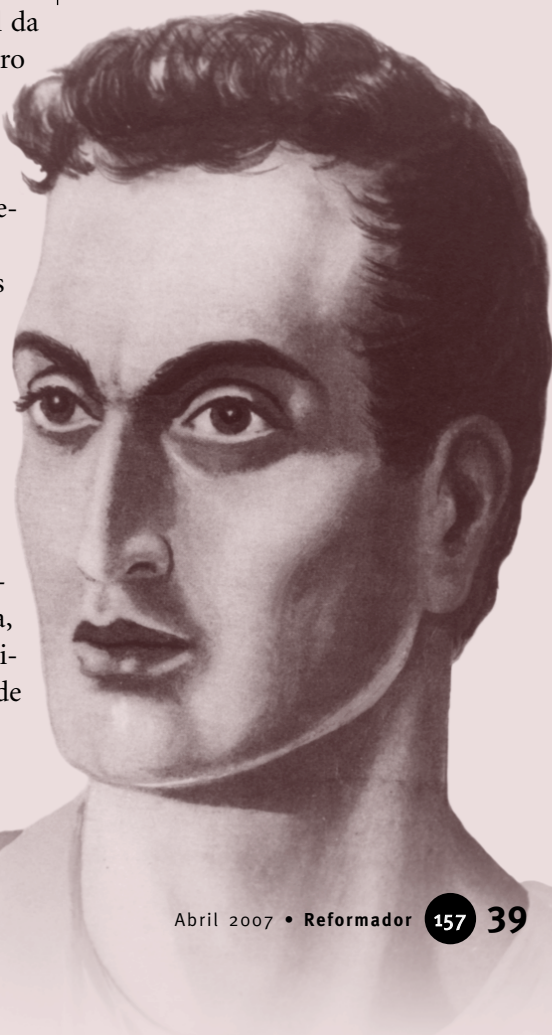
Logo depois vem a lume *Seara dos Médiuns*:

“Dessa feita, *O Livro dos Médiuns*, que justamente agora, em 1961, está celebrando o primeiro centenário, foi objeto de

nossa especial atenção” e considera que “[...] os campos da Ciência e da Filosofia, nos domínios doutrinários do Espiritismo, são continentes de trabalho a se perderem de vista [...]”⁴

Em 1964, Emmanuel apresenta “diante do Centenário do *O Evangelho segundo o Espiritismo* [...] este livro desprezioso de servidor reconhecido, como sendo Livro da

Emmanuel foi Orientador espiritual do médium Chico Xavier



Esperança”. O autor espiritual extravasa sua emoção: “Oh! Jesus! No luminoso centenário de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em vão tentamos articular, diante de ti, a nossa gratidão jubilosa! [...] – Obrigado, Senhor! [...]”⁵

Os estudos inspirados de Emmanuel sobre as obras da Codificação prosseguem em outro livro *Justiça Divina*: “[...] traçamos os despretenhosos comentários contidos neste volume, em torno das instruções relacionadas no livro *O Céu e o Inferno* [...] dando continuidade à tarefa de consultar a essência religiosa da Codificação Kardequiana [...]”⁶

Essas quatro obras citadas foram produzidas especificamente com os objetivos de homenagear o Centenário de Obras Básicas e de assinalar a “essência religiosa da Codificação Kardequiana”⁶

Há diversas obras psicográficas de Francisco Cândido Xavier co-

mentando a Codificação, entre elas, reunindo Emmanuel e André Luiz em *Estude e Viva* e autores espirituais diversos em *O Espírito da Verdade*.

A fidelidade de Emmanuel ao Codificador está explicitada no texto “O Mestre e o Apóstolo”, onde destaca: “Luminosa a coerência entre o Cristo e o Apóstolo que lhe restaurou a palavra”, e conclui: “Jesus, a porta. Kardec, a chave”⁷

Ao ensejo do Sesquicentenário da Doutrina Espírita é possível se sentir os efeitos da obra psicográfica de Francisco Cândido Xavier no desenvolvimento do Espiritismo no Brasil e no Mundo. Os parâmetros definidos pelo Orientador espiritual Emmanuel e explicitados na sua significativa homenagem à Codificação Kardequiana têm sido concretizados.

O profundo entendimento do Novo Testamento à luz da Doutrina Espírita balizou a produção da obra de Emmanuel, tendo como

Livros de Emmanuel e outros Espíritos que comentam obras da Codificação

bússola a compreensão da “essência religiosa da Codificação Kardequiana”⁶ Daí, este autor espiritual considerar *O Livro dos Espíritos* o “primeiro marco da Religião dos Espíritos, em bases de sabedoria e amor, a refletir o Evangelho [...]”³ ■

Referências:

¹GAMA, Ramiro. *Lindos casos de Chico Xavier*. 5. ed. São Paulo: LAKE, 1962. p. 67.

²KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. 126. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. XI, item 11.

³XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. p. 12-13.

⁴_____. *Seara dos médiums*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. p. 12-13.

⁵_____. *Livro da esperança*. Pelo Espírito Emmanuel. 4. ed. Uberaba: Edição CEC, 1973. p. 11-12.

⁶_____. *Justiça divina*. Pelo Espírito Emmanuel. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. p. 12.

⁷_____. *Opinião espírita*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. Uberaba: CEC, 1963. p. 30-34.



Na literatura, as obras-primas!

KLEBER HALFELD

Obras-primas! Existem desde os tempos antigos: na pintura; na escultura; na música; na literatura.

Mona Lisa – quadro de Leonardo da Vinci.

Moisés – escultura de Michelangelo.

Parsifal – ópera de Richard Wagner.

Os Lusíadas – livro de Luís de Camões.

Não apagaram os séculos as obras que projetaram seus autores.

Elas encantam o mundo pela beleza das pinceladas, pelo vigor das linhas, pela sonoridade das notas, pelas expressões em prosa ou verso.

Tentemos uma incursão, embora rápida, no campo da literatura de alguns países para nos deter, em seguida, em uma obra-prima da literatura espírita.

Escopo do presente trabalho.

•

Na Itália as experiências do poeta Dante Alighieri alimentam a inspiração da obra *Divina Comédia* escrita a partir de 1306, transfigurando no plano poético não apenas sua própria vida, mas também a de toda a literatura ocidental. O livro que marcou época combina o realismo cru com o mais místico lirismo.

Forma ele a síntese espiritual e poética da Idade Média, tendo penetrado firmemente tanto no século XIV como ainda hoje, situando-se em todas as bibliotecas de projeção.

Os Lusíadas – poema épico de um Espírito amargurado – Luís de Camões – é considerado uma das mais importantes obras da literatura de Portugal. Escrita em 1550, relata as viagens de Vasco da Gama, *a partir de um sonho premonitório do rei Dom Manuel*. Constitui ainda nos dias atuais trabalho de estudo em um sem-número de universidades. Ressalte-se que no final do livro o autor comenta *com um tom profético* que vinha cantando um povo embriagado com glórias efêmeras.

Harriet Beecher-Stowe, escritora americana, é autora do romance *A Cabana do Pai Tomás*, datado de 1852 e um dos mais envolventes instrumentos da propaganda abolicionista nos Estados Unidos, o qual durante muitos anos recebeu os aplausos de seus leitores, sobretudo dos antiescravagistas não só do país americano como de todas as partes do mundo. O próprio Kardec, à época em sua *Revista Espírita*, dedicou ao romance algumas páginas das quais destacamos este trecho:

“[...] É notável que esta obra tenha sido publicada nos Estados Uni-

dos, onde o princípio da pluralidade das existências terrestres há muito tempo foi repellido. [...] A Sra. Beecher-Stowe então a havia colhido em sua própria intuição [...]”¹

A Inglaterra é solo de grandes escritores os quais lançaram ao mundo incontáveis obras-primas. Obviamente há que lembremos a figura de William Shakespeare, autor cujos trabalhos refletem as condições culturais, sociais e políticas da era elisabetana. Entretanto, não será justo esquecermos a figura de Daniel Defoe, com sua obra *The life and strange surprising adventures of Robinson Crusoe of York* e que chegaria até nós com o título simples de *As aventuras de Robinson Crusoe*, livro que foi traduzido praticamente para todos os idiomas. Ainda mais: seria objeto de estudo por parte de um assinante da *Revista Espírita*, dirigida pelo Codificador. (Semelhante estudo teve lugar nas edições de março e setembro de 1867).

Falar sobre obras-primas e relacioná-las com a Alemanha é recordar, entre tantas outras, a figura majestática de Johann Wolfgang von Goethe, cujo *Faust*, com tessitura também mediúnica, exerceu poderosa influência sobre a Arte e os artistas, sendo por isso justa-

mente considerado um dos mais portentosos monumentos da literatura universal. Aliás, toda a sua obra exala a crença do poeta na imortalidade, como o atestam os seguintes versos do poema “Hermann e Dorotéia”:

...O quadro impressionante da
[morte
Não significa horror para o
[sábio nem o fim para o crente;
Àquele impele a que volte, de
[novo, à vida,
A este outro, na angústia, revigora
a chama da esperança do
[bem numa vida futura.
Para ambos transforma-se a
[morte em motivo de vida...²

No ano em que a comunidade espírita comemora o 150º aniversário de lançamento de *O Livro dos Espíritos*, curvamo-nos reverentes diante da insigne figura de Hippolyte Léon Denizard Rivail – o nosso querido Allan Kardec – e frente à plêiade de Espíritos que o assessoraram, porque desta conjugação de esforços surgiu na França para o mundo, em 18 de abril de 1857, esta abençoada e porque não dizer *sui generis* obra-prima da literatura espírita.

Em seu bojo não apenas 1.019 perguntas e correspondentes respostas a esclarecer mentes e confortar corações...

A respeito desta obra assim se expressa Pedro Franco Barbosa em seu trabalho *Espiritismo Básico*,³ com seu vocabulário tipicamente objetivo:

“O Livro dos Espíritos’ contém

os princípios da Doutrina Espírita expostos de forma lógica, por meio de diálogos com os Espíritos, às vezes comentados por Kardec, e, embora constitua, pelas importantes matérias que versa, o mais completo tratado de Filosofia que se conhece, sua linguagem é simples e direta, não se prendendo a preciosismos de sistemas dificilmente elaborados, tão ao gosto dos teólogos e exegetas escriturísticos, na sua improficua e estéril busca das causas primeiras às finais”.

18 de abril de 2007.

150 anos de lançamento de *O Livro dos Espíritos*.

Emociona-se o coração do Codificador, no plano em que se encontra.

Todavia, acreditamos que nenhum episódio o teria emocionado



Frontispício da 1ª edição francesa de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, obra-prima do Espiritismo

tanto como o que o envolveu naquela triste manhã de abril de 1860 em Paris.

A narrativa está no capítulo 52, “Há um século”, da obra *O Espírito da Verdade*,⁴ livro que teve seus capítulos ímpares recebidos pelo médium Francisco Cândido Xavier e os pares pelo médium Waldo Vieira. No caso a seguir relatado temos a mensagem assinada pelo Espírito Hilário Silva:

“Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita, naquela triste manhã de abril de 1860, estava exausto, acabrunhado.

Fazia frio.

Muito embora a consolidação da Sociedade Espírita de Paris e a promissora venda de livros, escasseava o dinheiro para a obra gigantesca que os Espíritos Superiores lhe haviam colocado nas mãos.

A pressão aumentava...

Missivas sarcásticas avolumavam-se à mesa.

Quando mais desalentado se mostrava, chega a paciente esposa, Madame Rivail – a doce Gaby –, a entregar-lhe certa encomenda, cuidadosamente apresentada.

O professor abriu o embrulho, encontrando uma carta singela. E leu:

‘Sr. Allan Kardec:

Respeitoso abraço.

Com a minha gratidão, remeto-lhe o livro anexo, bem como a sua história, rogando-lhe, antes de tudo, prosseguir em suas tarefas de escla-

recimento da Humanidade, pois tenho fortes razões para isso.

Sou encadernador desde a meninice, trabalhando em grande casa desta capital.

Há cerca de dois anos casei-me com aquela que se revelou minha companheira ideal. Nossa vida corria normalmente e tudo era alegria e esperança, quando, no início deste ano, de modo inesperado, minha Antoinette partiu desta vida, levada por sorradeira moléstia.

Meu desespero foi indescritível e julguei-me condenado ao desamparo extremo.

Sem confiança em Deus, sentindo as necessidades do homem do mundo e vivendo com as dúvidas aflitivas de nosso século, resolvera seguir o caminho de tantos outros, ante a fatalidade...

A prova da separação vencera-me, e eu não passava, agora, de traço humano.

Faltava ao trabalho e meu chefe, reto e ríspido, ameaçava-me com a dispensa.

Minhas forças fugiam.

Namorara diversas vezes o Sena e acabei planeando o suicídio. 'Seria fácil, não sei nadar' – pensava.

Sucediam-se noites de insônia e dias de angústia. Em madrugada fria, quando as preocupações e o desânimo me dominaram mais fortemente, busquei a Ponte Marie.

Olhei em torno, contemplando a corrente... E, ao fixar a mão direita para atirar-me, toquei um objeto algo molhado que se deslocou da amurada, caindo-me aos pés.

Surpreendido, distingui um livro que o orvalho umedecera.

Tomei o volume nas mãos e, procurando a luz mortíça de poste vizinho, pude ler, logo no frontispício, entre irritado e curioso:

'Esta obra salvou-me a vida. Leia-a com atenção e tenha bom proveito. – A. Laurent.'

Estupefato, li a obra – 'O Livro dos Espíritos' – ao qual acrescentei breve mensagem, volume esse que passo às suas mãos abnegadas, autorizando o distinto amigo a fazer dele o que lhe aprouver'.

Ainda constavam da mensagem agradecimentos finais, a assinatura, a data e o endereço do remetente.

O Codificador desempacotou, então, um exemplar de 'O Livro dos Espíritos' ricamente encadernado, em cuja capa viu as iniciais do seu pseudônimo e na página do frontispício, levemente manchada, leu com emoção não somente a observação a que o missivista se referira, mas também outra, em letra firme:

'Salvou-me também. Deus abençoe as almas que cooperaram em sua publicação. – Joseph Perrier.'

III

Após a leitura da carta providencial, o Professor Rivail experimentou nova luz a banhá-lo por dentro...

Conchegando o livro ao peito, raciocinava, não mais em termos de desânimo ou sofrimento, mas sim na pauta de radiosa esperança.

Era preciso continuar, desculpar as injúrias, abraçar o sacrifício e desconhecer as pedradas...

Diante de seu espírito turbilhona o mundo necessitado de renovação e consolo.

Allan Kardec levantou-se da velha poltrona, abriu a janela à sua frente, contemplando a via pública, onde passavam operários e mulheres do povo, crianças e velhinhos...

O notável obreiro da Grande Revelação respirou a longos haustos, e, antes de retomar a caneta para o serviço costureiro, levou o lenço aos olhos e limpou uma lágrima...

•

Ao término do presente trabalho meditamos:

Quanto nestes 150 anos não terão repetido as palavras de A. Laurent ou de Joseph Perrier!

Expressões de profunda emotividade; afirmativas a constituírem verdadeiras confissões de almas agradecidas, as quais encontraram na leitura de *O Livro dos Espíritos*, que agora completa um século e meio de lançamento, o conforto, o lenitivo para seus corações!

Abençoada seja, pois, esta maravilhosa obra-prima da literatura espírita. ■

Referências:

¹KARDEC, Allan. *Revista espírita*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Novembro de 1868, p. 456.

²SOARES, Sylvio Brito. *Grandes vultos da humanidade e o espiritismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 176.

³BARBOSA, Pedro F. *Espiritismo básico*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Segunda Parte, "Postulados e Ensinaamentos" – Análise sintética das obras da codificação de Allan Kardec – I, p. 115.

⁴XAVIER, Francisco C.; VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Autores diversos. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 52, p. 125-128.

Primórdios do Espiritismo

Da Ilha da Reunião a Paris: trajetória e contribuição da família Baudin

ADILTON PUGLIESE

Em momento culminante de sua vida missionária, Jesus promete aos apóstolos e, em extensão, a toda a Humanidade, o advento de outro Consolador: “o Espírito de Verdade [...] que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito”.¹

Diversos movimentos ou episódios, surgidos no século XIX, podem ser considerados como o *ponto de partida* do cumprimento da promessa do Cristo, que se consolidaria com a denominação de Espiritismo ou Doutrina Espírita.

Allan Kardec, por exemplo, considera que os fenômenos das *mesas girantes*, ocorridos sobretudo na Europa a partir de 1850, “[...] representarão sempre o ponto de partida da Doutrina Espírita [...]”²

Os fenômenos paranormais ocorridos em 31 de março de 1848, no lugarejo de Hydesville, condado de Wayne, Estado de New York, nos Estados Unidos da América do Norte, e que envolveram a família



Primeira comunicação obtida em Hydesville, quando Kate Fox recebe resposta a seus sinais. Uma das fagulhas iniciais da Nova Era

metodista de John D. Fox, sua esposa e as filhas Margareth, Katherine e Leah, podem ser lembrados como uma das *fagulhas iniciais* do surgimento da Nova Era.

A presença do professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, pedagogo emérito, na casa da médium Sra. Plainemaison, à rua Grange-Batelière, 18, em Paris, na noite de uma terça-feira do mês de maio de 1855, às 20 horas, para assistir às experiências do “fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida [...]”³ pode ser considerada, também, além da

iniciação do futuro Allan Kardec no Espiritismo, o ponto de partida da Codificação Espírita.

Há que se destacar, igualmente, a *data magna* de 18 de abril de 1857, lançamento de *O Livro dos Espíritos*, em Paris, e, conseqüentemente, marco do surgimento oficial do Espiritismo no mundo, como uma *alavanca* – fazendo-se uma analogia com o pensamento de Arquimedes (287-212 a.C.), sábio de Siracusa – que, posicionada no *ponto de apoio* caracterizado na promessa de Jesus, daria o *impulso* para a consolidação da Nova Doutrina, a qual, estruturada nas cinco obras básicas, contendo as suas

fundamentações filosóficas, científicas e morais, *moveria o mundo*.

Podemos conceber, assim, a existência de uma atmosfera de *universalidade* também no que se refere ao “ponto de partida da Doutrina Espírita”, em consonância com a “universalidade do ensino dos Espíritos”, onde “reside a força do Espiritismo [...]”, citada por Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo*.⁴

Há um episódio nos registros histórico-lendários do Espiritismo que também poderemos citar como um dos primeiros sinais, um dos indícios primordiais da chegada do Consolador.

No ano de 1853, em Paris, o professor Rivail e sua esposa, a professora de Belas-Artes Amélie-Gabrielle Boudet (1795-1883), sofrem o efeito do golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte, ocorrido em 2 de dezembro de 1851, em que este avocou a si o título de imperador Napoleão III, instaurando, na França, “uma política ditatorial e clerical, ficando abolidas a liberdade de imprensa e outras liberdades públicas”. Por esse golpe, manifestado, sobretudo, na “hostilidade ao desenvolvimento da instrução popular”, movida pelo novo Ministro da Instrução Pública e dos Cultos, Hippolyte Fortoul, fez-se “[...] reinar na Universidade o despotismo e o terror. [...]”⁵

Essas condições do regime político em sua pátria inibiriam as atividades do professor Denizard Rivail no ensino, durante essa primeira fase do Segundo Império, que foi até 1860.

Naquele ano de 1853, outro fato o atingiria: “[...] sua percepção visual diminuía sensivelmente, a ponto de não poder ler nem escrever [...]”.⁵ O diagnóstico clínico foi *amaurose*.⁶ Assistido, contudo, por uma sonâmbula, ela identificou *apoplexia nos olhos*, prevendo a cura em três meses, o que se concretizou.⁷

As questões políticas... a doença nos olhos... parecia que infortúnios inesperados, como sempre o são, atingiam o insigne mestre das letras francesas e sua consorte. Mas podemos intuir, igualmente, que o mundo espiritual aproveitava-se daqueles acontecimentos para estimular um recesso, um *staccato* nas atividades pedagógicas do mestre lionês, um aparente repouso preparatório para a *nova fase* de sua vida. O ano do cinquentenário de sua reencarnação, 1854, seria iniciado com o “chamado” para “trilhar novos rumos em sua existência”, cumprir a missão que lhe fora delegada pelo Cristo, bem como encontrar-se com a sua equipe de trabalho.

Enquanto aconteciam esses fatos em Paris, naquele ano de 1853, distante dali, numa ilha localizada no Oceano Índico, a leste da África, perto de Madagascar e das Ilhas Maurício, o mundo espiritual acionava os compo-

nentes de uma família, a fim de que se aglutinassem brevemente ao futuro Codificador, dando início à composição do *corpo de médiuns* para a recepção dos ditados que seriam transmitidos para formação de *O Livro dos Espíritos*.

Eles residiam na Ilha da Reunião (*Réunion*), que constitui um departamento francês de Ultramar, com 2.552 km² [nos dias atuais com cerca de 732.000 habitantes]. Eram o Sr. Baudin, sua esposa Clementine e suas jovens filhas: Caroline, de 14 anos e Julie, de 12 anos. O Sr. Baudin era fazendeiro e industrial, natural e residente na Ilha. Proprietário de canaviais e cafezais.

Do *Anuário Histórico Espírita* 2003,⁸ organizado pelo pesquisador Eduardo Carvalho Monteiro (1950-2005) [que cita, em outro livro de sua autoria,⁹ como fonte informativa, a obra *O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e*



Ilha da Reunião, onde morava a família Baudin, localizada a leste da África, próxima de Madagascar e das Ilhas Maurício

Lendária do Dr. Canuto Abreu] extraímos que num determinado dia de 1853 a família Baudin assistiria, pela primeira vez, em casa de amigos, ao inusitado fenômeno da *guéridon*,¹⁰ tão em voga na época e que já chegara à remota Ilha. Nessa reunião, a mediunidade da esposa e das meninas manifestar-se-ia de forma patente. Depois, com regularidade, passariam a reunir-se em sua casa na fazenda, na Ilha da Reunião, onde se comunicaria um Espírito que se dizia protetor da família e que ficou sendo identificado como Zéfiro.

Posteriormente, Zéfiro revelaria que estava perto o momento de reencontrarem o seu antigo chefe e amigo, em Paris, de nome Allan Kardec. O assunto confundiu a família, que não pensava em deixar a Ilha.

Contudo, em 1855, a família Baudin rumaria mesmo a Paris, onde ficaria por cerca de três anos, a convite do Governo francês, que estava interessado em ouvir a opinião de alguns produtores coloniais a respeito da concorrência do café e açúcar brasileiros que aumentava dia a dia, e também por motivo de outros negócios. (Grifamos)

Consoante relatam os anais do Espiritismo nascente, consignados, sobretudo, nas anotações formuladas pelo Codificador em sua *agenda íntima*, constante do livro *Obras Póstumas*, foi numa das reuniões na casa da Sra. Plaine-maison que Allan Kardec travou conhecimento com a família Baudin, que residia à rua Roche-

chouart, em Paris. Declara o Codificador: “[...] O Sr. Baudin me convidou para assistir às sessões hebdomadárias que se realizavam em sua casa e às quais me tornei desde logo muito assíduo.[...]”

[...] Os médiuns eram as duas senhoritas Baudin, que escreviam numa ardósia com o auxílio de uma cesta, chamada *carrapeta* e que se encontra descrita em *O Livro dos Médiuns*. Nessas reuniões se comunicava o Espírito Zéfiro, que confirmava a sua condição de protetor da família Baudin.¹¹

“[...] Assinala Kardec que foram as senhoritas Baudin os médiuns que mais concorreram para esse trabalho, [*O Livro dos Espíritos*] sendo quase todo o livro escrito por intermédio delas e na presença de seleta e numerosa assistência”,¹² e que, pelos fins de 1857, elas se casaram, as reuniões cessaram e a família Baudin se dispersou. Contudo, as relações do Codificador começavam a dilatar-se e os Espíritos multiplicaram os meios de instrução, tendo em vista os ulteriores trabalhos que o aguardavam.

Naquela longínqua Ilha da Reunião, no Oceano Índico Ocidental, Jesus convocaria Espíritos encarnados e desencarnados, comprometidos com a missão de receber e concretizar, na França, ao lado de Allan Kardec, o advento do Espiritismo, conduzindo-os então a Paris, motivados por um episódio que envolvia a futura pátria – o Brasil – que abrigaria para sempre o Consolador por Ele prometido. ■

Referências:

¹João, 14:15 a 17 e 26. In KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. 4. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. VI, item 3, p. 156.

²KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. 79. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. II, item 60, p. 85.

³_____. *Obras póstumas*. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Segunda Parte, “A minha primeira iniciação no Espiritismo”, p. 297.

⁴_____. *O evangelho segundo o espiritismo*. 4. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2006. “Introdução” II, p. 29.

⁵WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec, o educador e o codificador*. Vol. I, 2. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Parte Primeira, cap. 27, p. 172.

⁶Doença do nervo ótico, da retina. *Dicionário Aurélio*.

⁷WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec, o educador e o codificador*. Vol. I, 2. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Parte Primeira, cap. 27, p. 173-174.

⁸Madras Editora Ltda. p. 223.

⁹MONTEIRO, Eduardo Carvalho. *Allan Kardec (O druida reencarnado)*. 2. ed. EME. p. 14.

¹⁰Mesa de pé-de-galo com que, no meado do século XIX, se faziam experiências espíritas na França. In PAULA, João Teixeira de. *Dicionário de espiritismo, metapsíquica e parapsicologia*. 3. ed. Editora Bels, 1976.

¹¹KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Segunda Parte, “A minha primeira iniciação no Espiritismo”, p. 298.

¹²WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec, o educador e o codificador*. Vol. I, 2. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Parte Segunda, cap. 5, p. 272.

150 anos de lançamento de *O Livro dos Espíritos*

A obra inaugural do Espiritismo foi lançada em Paris pelo Prof. Rivail, no dia 18 de abril de 1857

O fato histórico

No dia 18 de abril de 1857, o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail – conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec – lançou *O Livro dos Espíritos* editado por E. Dentu, Libraire, na própria Livraria Dentu na Galerie d'Orléans, 13, no Palais-Royal, em Paris.

O Espiritismo-histórico

No século XIX, o fenômeno das mesas girantes agitou a Europa, principalmente os salões elegantes de Paris. Após os saraus, as mesas eram alvo de curiosidade, motivando reportagens na imprensa. Elas se

moviam e respondiam a questões mediante batidas no chão (tipotologia). O fenômeno chamou a atenção de um pesquisador sério, o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail.

O Prof. Rivail, educador, autor de livros didáticos e adepto de rigoroso método de investigação científica, não aceitou de imediato os fenômenos das mesas girantes, mas os estudou atentamente, observou que uma força inteligente as movia e investigou a natureza dessa força, que se identificou como os “Espíritos dos homens” que haviam morrido. Rivail analisou as respostas, comparou-as e sistematizou-as, tudo submetendo ao crivo da razão, não aceitando e não divulgando nada que não pas-

sasse por esse crivo. Assim nasceu *O Livro dos Espíritos*. O professor Rivail imortalizou-se, adotando o pseudônimo Allan Kardec.

Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo

Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu em Lyon, França, em 3 de outubro de 1804. Estudou em Yverdon (Suíça) com o célebre Johann Heinrich Pestalozzi, de quem se tornou um eminente discípulo e colaborador. Aplicou-se à propaganda do sistema de educação que exerceu tão grande influência sobre a reforma dos estudos na França e na Ale-

Imagem do *Palais-Royal*, onde funcionava a *Livraria Dentu*



manha. Poliglota, falava alemão, inglês, italiano, espanhol e holandês. Traduziu para o alemão excertos de autores clássicos franceses, especialmente os escritos de Fénelon (François de Salignac de la Mothe-).

Rivail, o educador

Fundou em Paris – com sua esposa Amélie-Gabrielle Boudet – um estabelecimento semelhante ao de Yverdun. Escreveu gramáticas, aritméticas, estudos pedagógicos superiores, traduziu obras inglesas e alemãs. Organizou, em sua casa, cursos gratuitos de Química, Física, Astronomia e Anatomia comparada.

Membro de várias sociedades sábias, notadamente da Academia Real das Ciências de Arrás, foi premiado, por concurso, em 1831, com a memória “Qual o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época?”. Dentre as suas obras, destacam-se: *Plano apresentado para o melhoramento da instrução pública* (1828); *Curso prático e teórico de aritmética* (1829, segundo o método de Pestalozzi); e *Gramática francesa clássica* (1831).

Kardec, o Codificador

O Prof. Rivail ouviu falar das mesas girantes no ano de 1854. Aplicou o método da experimentação: nunca formulou teorias preconcebidas, observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências; procurava sempre a razão e a lógica dos fatos. Interrogou os Espíritos, anotou e ordenou os dados que obteve.

Por isso é chamado Codificador do Espiritismo. Os autores da Doutrina são os Espíritos Superiores. Quando percebeu que tudo aquilo formava um conjunto e tomava as proporções de uma doutrina, decidiu publicar um livro, para instrução de todos. Assim, lançou *O Livro dos Espíritos* em 18 de abril de 1857, em Paris. Adotou o pseudônimo Allan Kardec a fim de diferenciar a obra espírita da produção pedagógica, anteriormente publicada.

Em janeiro de 1858, Kardec lançou a *Revue Spirite* e, em 1º de abril do mesmo ano, fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Esta Sociedade – o primeiro Centro Espírita do mundo – funcionou nas dependências do Palais-Royal, em sala alugada, entre 1/4/1858 a 1/4/1859 na Galeria Valois e, de 1/4/1859 a 1/4/1860 em dependência do restaurante Douix, na Galeria Montpensier.

Em seguida, publicou *O que é o Espiritismo* (1859), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868). Seus amigos reuniram textos inéditos e anotações de Kardec no livro *Obras Póstumas*, lançado em 1890.

Kardec desencarnou em Paris, em 31 de março de 1869. Seu túmulo, no Cemitério do Père-Lachaise, em Paris, é diariamente o mais visitado e florido até nossos dias.

Bicentenário de Nascimento de Kardec

Várias comemorações e homenagens foram realizadas por oca-

sião do Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec.

O Conselho Espírita Internacional (CEI), com o apoio da União Espírita Francesa e Francofônica (USFF) promoveu o 4º Congresso Espírita Mundial, na sede da *Maison de la Mutualité*, em Paris, de 2 a 5 de outubro de 2004, com a presença de espíritas representando 30 países.

Os Correios do Brasil lançaram um Selo Postal e um Carimbo Obliterativo, alusivo ao Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec, em cerimônia simultânea na sede dos Correios, em Brasília, e na *Maison de la Mutualité*, em Paris, estando presentes representantes de *La Poste* (Correios da França) e da Embaixada do Brasil, durante o Congresso citado. O referido Selo dos Correios do Brasil foi o mais procurado em 2004, com um total de 800.010 selos vendidos.

Foram lançados vários livros sobre Allan Kardec e edições especiais de revistas, como a *La Revue Spirite*, editada pelo Conselho Espírita Internacional e pela União Espírita Francesa e Francofônica, que, além da edição original em francês, também a publicaram em inglês, espanhol e esperanto.

Na terra natal de Kardec foi realizada a exposição *Lyon, coeur du Spiritisme, Allan Kardec et les spirites lyonnais* (Lyon, coração do Espiritismo, Allan Kardec e os espíritas lyoneses), na Biblioteca de Lyon, de 15 de outubro de 2004 a 15 de janeiro de 2005. Na mesma cidade, no dia 18 de abril de 2005 foi inaugurado um monumento em homenagem

a Kardec na rua Sala (2^e *arrondissement*), que contou com a presença dos representantes do prefeito de Lyon, M. Michel Chomarat, e Mme. Dumont delegada do prefeito do 2^e *arrondissement* de Lyon, do Conselho Espírita Internacional, da União Espírita Francesa e Francófônica e da Federação Espírita Brasileira.

Conselho Espírita Internacional (CEI)

Constituído em 28 de novembro de 1992, o Conselho Espírita Internacional é o organismo resultante da união, em âmbito mundial, das Associações Representativas dos Movimentos Espíritas nacionais. Atualmente há 32 países integrados ao CEI: Alemanha, Angola, Argentina, Austrália, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Cuba, El Salvador, Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Guatemala, Holanda, Honduras, Itália, Japão, México, Noruega, Nova Zelândia, Paraguai, Peru, Portugal, Reino Unido, Suécia, Suíça, Uruguai, Venezuela.

O CEI edita obras de Kardec e de outros autores nos idiomas francês, inglês e espanhol. Em parceria com a União Espírita Francesa Francófônica, edita a revista fundada por Kardec – *Revue Spirite* –, com o título *La Revue Spirite* nos idiomas francês, espanhol, inglês e esperanto. Na sua página eletrônica disponibiliza a edição da Revista em russo. O Conselho Espírita Internacional mantém 24 horas por dia a Web TVCEI (www.tvcei.com).

O CEI participou do Salão do Li-

vro de Paris com um estande, de 23 a 27/3/2007, e promoveu uma homenagem pelo Sesquicentenário de *O Livro dos Espíritos*, no mesmo local, na manhã do dia 24 de março.

O Conselho Espírita Internacional promoverá o 5º Congresso Espírita Mundial, em Cartagena de Índias (Colômbia), de 10 a 13 de outubro de 2007, tendo como tema central: “Doutrina Espírita: 150 Anos de Luz e Paz”.

O Espiritismo na França

O Movimento Espírita na França é coordenado pela União Espírita Francesa e Francófônica (USFF), sucessora da antiga Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada por Allan Kardec, e da União Espírita Francesa.

Há cerca de 30 grupos espíritas funcionando na França, principalmente em Paris, Tours, Lyon, Vincennes, Villeneuve-le-Roi, Montgeron, Villiers-le-Bel, Douai, Wattrelos, Limoges, Thann, Le Haillan, Bron, Marseille, Pont Sain-Martin e Vienne.

Os livros espíritas, principalmente de Allan Kardec, são editados por *Les Éditions Philman*. A revista fundada por Allan Kardec – *Revue Spirite* – é editada até nossos dias, pela USFF em parceria com o CEI.

A USFF promove anualmente um Simpósio Espírita Francofônico com a participação de espíritas franceses, belgas, suíços e canadenses.

O Espiritismo no Brasil

O Brasil é o país que reúne o

maior número de espíritas em todo o Mundo, com quase 2,4 milhões de adeptos de acordo com o Censo 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e que formam o terceiro maior grupo religioso do País. Estima-se em 30 milhões o número de simpatizantes do Espiritismo no Brasil. Vinculados à Federação Espírita Brasileira, através das 27 Entidades Federativas Estaduais, há cerca de 12 mil instituições espíritas.

Allan Kardec é personalidade bastante conhecida e respeitada no Brasil. Seus livros já venderam mais de 15 milhões de exemplares em todo o País. O mercado editorial brasileiro espírita ultrapassa 4.000 títulos editados e mais de 90 milhões de exemplares vendidos.

Allan Kardec é o autor francês mais vendido no Brasil.

A imagem dos espíritas está fortemente associada à prática da filantropia e ao respeito incondicional aos praticantes de todas as religiões. Em todos os Estados brasileiros, as instituições espíritas mantêm lares, creches, hospitais, escolas para pessoas carentes e outras instituições de assistência e promoção social.

A FEB promove, de 12 a 15 de abril corrente, o 2º Congresso Espírita Brasileiro, em Brasília (DF), com o objetivo de comemorar o Sesquicentenário, cujo tema central é “*O Livro dos Espíritos* na Edificação de um Mundo Melhor”. Durante o evento será lançado pelos Correios um Selo Personalizado e Carimbo Obliterativo alusivos aos 150 anos da publicação de *O Livro dos Espíritos*. ■



● **Acre:** Encontro sobre *O Livro dos Espíritos*

A Federação Espírita do Estado do Acre promove no dia 6 de abril o VI Encontro de Integração dos Espíritos do Acre, em Rio Branco, tendo como tema central “A Atualidade de *O Livro dos Espíritos*”. No período de 18 a 25 de abril, ocorre a “Semana de *O Livro dos Espíritos*”.

● **Bahia:** Palestra e Sessões Legislativas

A Federação Espírita do Estado da Bahia comemora os 150 anos de lançamento de *O Livro dos Espíritos* com palestra de Divaldo Pereira Franco, no dia 18 de abril, às 18 horas. Na Câmara Municipal de Salvador a sessão ocorre no dia 20 de abril, e na Assembléia Legislativa da Bahia está marcada para o dia 26.

● **Alemanha:** Congresso sobre *O Livro dos Espíritos*

Nos dias 24 e 25 de fevereiro, a União Espírita Alemã promoveu o 1º Congresso Espírita da Alemanha, nas dependências do *Andreas Hermes Akademie*, em Bonn, tendo como tema central “Aliança entre Ciência e Religião”, com base nas quatro partes de *O Livro dos Espíritos*. O evento foi aberto por Hênia Seifert, presidente da U. E. A., e por Antonio Cesar Perri de Carvalho, representando o presidente da Federação Espírita Brasileira e secretário-geral do Conselho Espírita Internacional, Nestor João Masotti.

● **Maranhão:** Confraternização sobre o Sesquicentenário

No período de 17 a 20 de março, a Federação Espírita do Maranhão promoveu a 27ª Confraternização Espírita do Maranhão, no teatro Zenira Fiquene, em São Luís. O tema central foi “*O Livro dos Espíritos*: 150 anos esclarecendo e consolando”.

● **M. G. do Sul:** Selo do Sesquicentenário

A Federação Espírita de Mato Grosso do Sul participa, no dia 18 de abril, de Sessão Solene na Câmara de Vereadores de Campo Grande, quando serão

lançados o Selo Personalizado e o Carimbo Obliterativo.

● **Argentina:** Estudo Sistematizado na CEA

A convite da Confederação Espiritista Argentina, Cecília Rocha, vice-presidente da Federação Espírita Brasileira, realizou, em Buenos Aires, as seguintes atividades no mês de março último: dia 3 – participação da reunião do Conselho Federal da CEA; dia 5 – aula inaugural do ESDE, com apoio de Maria Túlia Bertoní, presidente da Federação Espírita de Mato Grosso do Sul; dia 6 – conferência pública.

● **Paraná:** Evento sobre *O Livro dos Espíritos*

A Federação Espírita do Paraná promoveu, de 23 a 25 de março, a IX Conferência Estadual Espírita, nas dependências do Expotrade, em Pinhais, na região metropolitana de Curitiba. O evento teve como tema central “*O Livro dos Espíritos*: 150 anos de convite ao amor e à instrução”, com os expositores Divaldo Pereira Franco, José Raul Teixeira e Cosme Massi.

● **R. G. do Norte:** Eventos sobre o Sesquicentenário

A Federação Espírita do Rio Grande do Norte realizou, de 17 a 20 de fevereiro, a 30ª Confraternização dos Espíritos do Rio Grande do Norte, cujo tema central é “Espiritismo: 150 anos esclarecendo e consolando”. Em março ocorreram palestras sobre o Sesquicentenário de *O Livro dos Espíritos*.

● **R. G. do Sul:** Encontro Jurídico-Espírita

Em comemoração do Sesquicentenário de *O Livro dos Espíritos*, a Associação Jurídico-Espírita do Rio Grande do Sul e a Federação Espírita do Rio Grande do Sul, com o apoio do Ministério Público daquele Estado, realizaram o 3º Encontro Jurídico-Espírita do Rio Grande do Sul, em 31 de março último.